



ARAUTOS DO GELHO

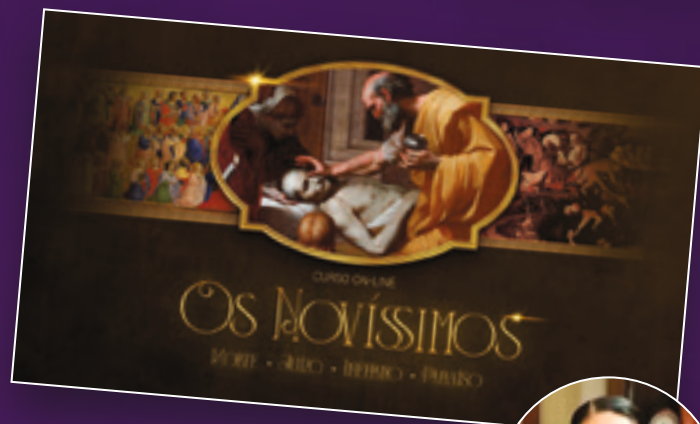
287 - Novembro 2025

*“A memória do justo
será abençoada”*

De onde venho e para onde vou?
O que haverá depois desta vida?
Independentemente da cultura,
raça ou período histórico, em determinado
momento da existência todo ser humano
depara-se com essas questões...

E o que podemos conhecer sobre o
Purgatório, lugar de purificação para os que
morrem cristãmente, mas sem terem atingido
a perfeição? Trata-se de um lugar misterioso,
onde reina a esperança e os gemidos de dor
são entremeados por cânticos de amor a Deus.

Convidamos você a repassar conosco
diversos aspectos desses importantes temas,
nos cursos on-line **“Purgatório: maior
sofrimento ou maior caridade?”**, **“E se você
morresse hoje? Uma direção espiritual...”** e
“Os Novíssimos”, na Plataforma Reconquista.



Ir. Maria Angélica Iamasaki
Doutora em Teologia pela Universidad
Pontificia Bolivariana, de Medellín, Colômbia.

9 aulas - total 310 minutos



Pe. Felipe de Azevedo Ramos, EP
Formado em Teologia e Doutor em Filosofia
pela Pontificia Università San Tommaso
d'Aquino (Angelicum-Roma).

9 aulas - total 319 minutos



**Pe. Dartagnan Alves
de Oliveira Souza, EP**
Doutor em Filosofia pela Università
Pontificia Salesiana, de Roma.

9 aulas - total 84 minutos



WWW.ARAUTOS.ORG/CURSOS

Acompanhe a programação completa dos Arautos
através das redes sociais



Transmissão da Santa Missa
diariamente às 19h (horário de Brasília)

ARAUTOS DO EVANGELHO

Ano XXIV, nº 287, Novembro 2025

ISSN 1982-3193

Revista de cultura
e inspiração católica
publicada por:

Associação Brasileira
Arautos do Evangelho
CNPJ: 03.988.329/0001-09
www.arautos.org.br

Diretor Responsável:
Mario Luiz Valerio Kühl

Conselho de Redação:
Severiano Antonio de Oliveira;
Silvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Administração
Rua Diogo de Brito, 41
02460-110 - São Paulo - SP
admrevista@arautos.org.br

ASSINATURA E
ATENDIMENTO AO ASSINANTE:
(11) 2971-9050
(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:00H)

Assinatura e Participação
Assinante (anual): R\$ 285,00 únicos
Participante (por tempo indeterminado):
Colaborador..... R\$ 40,00 mensais
Benfeitor..... R\$ 50,00 mensais
Grande Benfeitor R\$ 60,00 mensais
Exemplar avulso R\$ 24,00

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redação. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Impressão e acabamento:
Plural Indústria Gráfica Ltda.
Av. Marcos Pentead de Ulhoa Rodrigues, 700
06543-001 - Santana de Parnaíba - SP

SUMÁRIO

➔ PERGUNTAM OS LEITORES	4
➔ EDITORIAL	
Ontem, há um ano.....	5
➔ A VOZ DOS PAPAS	
Corações ao alto!.....	6
➔ A LITURGIA DOMINICAL	
Santidade, eixo da História.....	8
O dia de ajudar os que nos deixaram.....	9
Veneráveis e simbólicas pedras	10
O fim do meu mundo	11
A vitória do Rei e a derrota dos céticos.....	12
Entremos na arca da Santa Igreja!	13
➔ TESOUROS DE MONS. JOÃO	
Os últimos meses de Mons. João nesta terra - Suave crepúsculo, aurora de um novo convívio	14
Sinais da intercessão de Mons. João - Diminuindo distâncias entre Céu e terra ...	18
A certeza da vitória	22
➔ TEMA DO MÊS – A COMUNHÃO DOS SANTOS	
Como membros de um só Corpo.....	26
Santa Hildegarda de Bingen e Richardis von Stade - A orfandade de uma mãe sem filha.....	30
➔ SÃO TOMÁS ENSINA	
Os Santos que estão no Céu intercedem mesmo por nós?	33
➔ UM PROFETA PARA OS NOSSOS DIAS	
O convívio entre os eleitos no Céu Empíreo	34
➔ VIDA DOS SANTOS	
Santa Catarina de Alexandria – Virgem sábia e aguerrida	38
➔ DONA LUCILIA	
Inesquecíveis tardes com Dona Lucilia	42
➔ ARAUTOS NO MUNDO	44
➔ HISTÓRIA, MESTRA DA VIDA	
Feitos de soldados católicos durante a Primeira Guerra Mundial - O católico só pode ser herói!.....	46
➔ VOCÊ SABIA....	49
➔ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES	
Todos... menos um!	50



Teresita Morazzani

14 “Talis vita, finis ita”!



Gustavo Kralj

26 Céu e terra unidos numa
mesma batalha



Reprodução

46 Já não basta a coragem dos
tempos de paz...



Deensel (CC by 2.0)

50 De um patrício romano
para o século XXI

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:
perguntamosleitores@arautos.org



Pe. Ricardo José Basso, EP

Posso rezar enquanto dirijo? Posso, por exemplo, acessar o canal dos Arautos e rezar o Terço no trânsito?

João Carlos Alvim – São Paulo

Para responder de modo adequado a esta pergunta, precisamos relembrar o que é a oração. O *Catecismo da Igreja Católica* assume a definição clássica: “A elevação do espírito para Deus” (CCE 2098). Mas quando podemos elevar a mente a Deus? “É preciso orar sempre, sem jamais deixar de fazê-lo” (Lc 18, 1), nos responde o Evangelho. Portanto, nunca se rezará demais, desde que não sejam abandonados os deveres do próprio estado.

Afirmou o Papa Bento XVI, numa audiência de 11 de maio de 2011: “O homem sabe, de qualquer modo, que pode dirigir-se a Deus, sabe que Lhe pode rezar. São Tomás de Aquino, um dos maiores teólogos da História, define a oração como ‘expressão do desejo que o homem tem de Deus’”.

Então, concretamente, podemos rezar enquanto dirigimos? Sem nenhuma dúvida. Podemos rezar um Terço no trânsito, seguindo, por exemplo, o canal dos Arautos? Claro que sim! Porém, cuidado! A oração é um ato muito importante. Rezar enquanto se está no trânsito não dispensa o

homem do dever de reservar um tempo especialmente para Deus.

A oração feita durante a realização de alguma atividade deve ser a expressão de um coração desejoso de santificar todos os momentos do dia. Pode decorrer também da contingência na qual se encontra alguém demasiadamente ocupado por trabalhos, mas que não quer deixar de rezar o seu Rosário. Está ótimo assim!

Mas normalmente terá muito mais valor a oração feita numa igreja. Assim afirma São João Crisóstomo, cujas palavras podem ser aplicadas também às preces recitadas fora do lar, por exemplo, no automóvel: “Embora possas, de fato, rezar em tua casa, não saberás rezar ali como na igreja [...]. Quando invocas o Senhor em particular, não és tão bem ouvido como quando o fazes em companhia de teus irmãos. Há na igreja algo a mais: a união dos espíritos e das vozes, o laço da caridade, as orações dos sacerdotes” (*Sur l’incompréhensibilité de Dieu*. Homélie 3: SC 28bis, 219).

Quando pecamos, especificamente por carnalidade, entra na tentação um anjo mau, que nos incita pensamentos para isso?

Héctor Caro Nieto – Via e-mail

Esta pergunta foi feita certa vez, quase com as mesmas palavras, a Mons João durante uma de suas aulas de catecismo. E nosso fundador respondeu o seguinte: em princípio, uma tentação pode provir exclusivamente da concupiscência da carne, ou seja, da natureza humana decaída pelo pecado. Mas ele acrescentou, manifestando concordar com esta tese, que muitos mestres de vida espiritual afirmam que em *todas* as tentações entra a ação do demônio.

Ora, essa posição se apoia perfeitamente na doutrina católica, como podemos ver no *Catecismo*: “Pelo pecado dos primeiros pais, o diabo adquiriu certo domínio sobre o homem, embora este último permaneça livre. O pecado original acarreta ‘a servidão debaixo do poder daquele que tinha o império da morte, isto é, do diabo’” (CCE 407).

A luta contra a tentação será, portanto, sempre um embate com o demônio: “Um duro combate contra os poderes das trevas atravessa toda a História dos homens. [...] Empenhado nesta batalha, o homem vê-se na necessidade de lutar sem descanso para aderir ao bem” (CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et spes*, n.37).

Mas não podemos nos esquecer de que, sem o auxílio da graça de Deus, é impossível praticar a castidade. Para isso faz-se necessário rezar e frequentar os Sacramentos. Com palavras incomparáveis, assim o expressou Santo Agostinho: “Eu julgava que se conseguia a continência pelas próprias forças, as quais percebia faltarem em mim [...]. Certamente Tu mo concederias se chamasse a teus ouvidos com gemidos interiores e com toda a confiança lançasse em Ti meu cuidado” (*Confissões*. L.VI, c.11, n.20).



Mons. João
Scognamiglio
Clá Dias, EP, em
25/1/2022

Foto: Teresita Morazzani

ONTEM, HÁ UM ANO...

Ao completar-se neste mês um ano da partida para a eternidade do fundador dos Arautos do Evangelho, Mons. João Scognamiglio Clá Dias, voltamos nosso olhar para aquela madrugada do dia 1º de novembro, experimentando duas impressões aparentemente contraditórias.

Por um lado, parece ter sido recebida ontem a notícia de que estavam terminados os quatorze anos do duro calvário iniciado em 2010 com o acidente vascular cerebral que o acometeu, enfrentados com exemplar abandono aos misteriosos caminhos da Providência. Esta, por fim, chamava-o a Si. Seguiram-se três dias de abençoadas exéquias, marcadas pelo esplendor litúrgico próprio às cerimônias da Santa Igreja para a ocasião, por serenas saudades de uma multidão de arautos e simpatizantes vindos do mundo inteiro para a última despedida e por uma inigualável benquerença fraterna. Tratava-se do mesmo afeto que Mons. João sempre derramara sobre seus filhos espirituais e que passava a se manifestar de uma outra forma, mais pura, mais intensa, toda sobrenatural. Inaugurava-se, nessa nova fase, um novo relacionamento tanto entre mestre e discípulos, quanto entre irmãos de vocação.

De outra parte, foi-se um ano, mas parecem ter corrido décadas, tanto pela catara de acontecimentos que marcaram esses doze meses quanto pelo imenso desenvolvimento de uma obra que, em meio a lutas inúmeras, continua a crescer pelo mundo inteiro, fazendo da fidelidade ao espírito de seu fundador a sua divisa.

Ambas as perspectivas, entretanto, harmonizam-se sob o olhar da fé. A ausência física de nosso amado pai acabou por ressaltar a permanência desse mesmo espírito que, plasmado em realidades tão diversas como modos de ser, formas de apostolado, edifícios e, sobretudo, pessoas, continuou animando a instituição dele nascida. Que contraste! Enquanto, pelas vicissitudes dos seus últimos anos de vida, a presença visível do fundador vinha sendo retirada paulatinamente de seus filhos, após sua entrada na eternidade Mons. João voltou a atuar – e com superabundância e eficácia – junto a seus discípulos pela Comunhão dos Santos.

Não por acaso, o Livro dos Provérbios aclama: “A memória do justo será abençoada. O nome dos ímpios apoderecerá” (10, 7). Com efeito, aqueles que foram infiéis a Deus partem, como aconteceu ao Rei Jorão, “sem deixar de si saudades” (II Cr 21, 20), por mais que as pompas do mundo tentem prolongar sua recordação de forma artificial. Mas os homens de fé comunicam-se inclusive após deixarem a vida terrena, conforme afirma a Escritura sobre Abel que, mesmo depois de morto, ainda fala (cf. Hb 11, 4).

Desse modo, transcorrido um ano desde aquela aparente separação, Mons. João está mais vivo do que nunca, porque realmente continua a nos falar. Comunica-se conosco por seus exemplos, por suas obras, por sua intercessão – por que não dizê-lo, salvaguardado o julgamento infalível da Igreja? –, por suas surpresas...

Sim, nosso fundador, tal como o denominou afetuosamente Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, sempre foi o “João das boas surpresas”, e esses doze meses não fizeram senão comprovar que, tendo-se tornado mais espiritual sua presença, tal predicado se sublimou. Que outros inesperados presentes Mons. João prepara ainda para seus filhos e para o mundo? Não o sabemos. Acreditamos apenas que serão muitos pois, se ele procurou com tanto empenho a glória de Deus e o bem do próximo durante a vida terrena, muito mais os buscará na eternidade, onde não há barreiras para uma atuação que lhe permita, ainda mais, ser um instrumento abençoado para o triunfo do Imaculado Coração de Maria nos corações e no mundo. ✠



Corações ao alto!

O Cristianismo é a realidade da união da terra com o Céu,
pois nos convida a elevar o pensamento, das condições mutáveis
da vida terrena, até as alturas da vida eterna.

OCASIÃO PROPÍCIA PARA ELEVAR O OLHAR

A Solenidade de Todos os Santos é uma ocasião propícia para elevar o olhar das realidades terrenas, cadenciadas pelo tempo, para a dimensão de Deus, a dimensão da eternidade e da santidade. [...] Todos os membros do povo de Deus são chamados a tornar-se santos, segundo a afirmação do Apóstolo Paulo: “Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação” (I Tes 4, 3). Portanto, somos convidados a olhar para a Igreja não no seu aspecto apenas temporal e humano, marcado pela fragilidade, mas como Cristo a quis, ou seja, Comunhão dos Santos.

BENTO XVI.
Angelus, 1º/11/2011

A TERRA E O CÉU: UMA SÓ REALIDADE

Esta festa faz-nos refletir sobre o dúplice horizonte da humanidade, que exprimimos simbolicamente com as palavras *terra* e *Céu*: a terra representa o caminho histórico; o Céu a eternidade, a plenitude da vida em Deus. E assim esta festa faz-nos pensar na Igreja na sua dupla dimensão: a Igreja a caminho no tempo e a que celebra a festa sem fim, a Jerusalém Celeste. Estas duas estão unidas pela realidade da Comunhão dos Santos: uma realidade que começa aqui na terra e alcança o seu cumprimento no Céu.

BENTO XVI.
Angelus, 1º/11/2012

“NÃO TEMOS AQUI CIDADE PERMANENTE”

Todos os cristãos, ricos ou pobres, devem ter sempre fixo o olhar no Céu, recordando que “não temos aqui cidade permanente, mas vamos buscando a futura” (Hb 13, 14). [...]

Com os olhos no alto, a nossa fé vê os novos céus e a nova terra de que fala o nosso primeiro antecessor, São Pedro (II Pd 3, 13). Enquanto as promessas dos falsos profetas da terra se desvanecem em sangue e lágrimas, brilha com celeste beleza a grande profecia apocalíptica do Redentor do mundo: “Eis que Eu renovo todas as coisas” (Ap 21, 5).

PIO XI.
Divini Redemptoris, 19/3/1937

SOMOS PEREGRINOS À PROCURA DO SENHOR

Somos todos peregrinos e somos sempre peregrinos, caminhando enquanto procuramos seguir o Senhor e enquanto procuramos o caminho que é verdadeiramente nosso na vida. Certamente não é fácil, mas com a ajuda do Senhor, a intercessão dos Santos e encorajando-vos uns aos outros, podeis ter a certeza de que, enquanto permanecerdes fiéis, confiando sempre na misericórdia de Deus, a experiência desta peregrinação continuará a dar frutos ao longo da vossa vida.

LEÃO XIV.
Discurso, 5/7/2025

SER CRISTÃO SIGNIFICA ABRIR-SE À COMUNHÃO COM O CÉU

No mundo terreno, a Igreja é o início deste mistério de comunhão que une a humanidade, um mistério totalmente centrado em Jesus Cristo: foi Ele que introduziu no gênero humano esta dinâmica nova, um movimento que a conduz a Deus e ao mesmo tempo à unidade, à paz em sentido profundo. [...] Ser cristão, pertencer à Igreja significa abrir-se a esta comunhão, como uma semente que se abre na terra, morrendo, e germina para o alto, para o Céu. [...]

Com efeito, o estar unidos a Cristo, na Igreja, não anula a personalidade, mas abre-a, transforma-a com a força do amor, e confere-lhe, já aqui na terra, uma dimensão eterna. Em síntese, significa conformar-se com a imagem do Filho de Deus (cf. Rm 8, 29), realizando o projeto de Deus que criou o homem à sua imagem e semelhança.

BENTO XVI.
Angelus, 1º/11/2012

A IGREJA TORNA REALIDADE ESSA UNIÃO

O Cristianismo é, de fato, a realidade da união da terra com o Céu, uma vez que assume o homem, na sua realidade concreta de espírito e matéria, inteligência e vontade, e o convida a elevar o pensamento, das condições mutáveis da vida terrena, até às alturas da vida eterna, onde gozará sem li-

mites da plenitude da felicidade e da paz.

SÃO JOÃO XXIII.

Mater et Magistra, 15/5/1961

A ETERNIDADE FAZ-SE PRESENTE NO TEMPO

A eternidade pode estar já presente no centro da vida terrena e temporal, quando a alma, mediante a graça, está unida a Deus, seu derradeiro fundamento. Tudo passa, só Deus não muda. [...] Todos os cristãos, chamados à santidade, são homens e mulheres que vivem solidamente alicerçados naquela “rocha”; têm os pés na terra, mas o coração já no Céu, morada definitiva dos amigos de Deus.

BENTO XVI.

Angelus, 1º/11/2006

A SANTIDADE É ACESSÍVEL A TODOS

A santidade parece, normalmente, um termo extremo e superlativo, manifestação de perfeição moral e religiosa, excepcional e inacessível à maior parte das pessoas, não um estado normal oferecido a todos e exigido de todos, porque habitualmente reservamos esta qualificação de santidade às figuras humanas que realizaram, na medida plena e sublime, o ideal de seguidor de Cristo, o herói, o mártir, o asceta, o homem-às, que se distingue da multidão e apresenta uma estrutura superior e singular da personalidade humana, que se tornou gigante não só por meio de um esforço, cujo resultado foi positivo na imitação do Mestre Divino, mas também devido a uma preferencial abundância de dons carismáticos e a uma comunhão mística com a própria vida de Cristo [...].

A santidade é um dom; a santidade é comum e acessível a todos os cristãos; a santidade é o estado, podemos dizer, normal da vida humana, ele-



A atração para o Céu nos estimula a apressar o passo da nossa peregrinação terrena a fim de nos unirmos para sempre à família dos Santos

Paraíso, “Les très riches heures du Duc de Berry” - Museu Condé, Chantilly (França)

vada a uma dignidade sobrenatural, misteriosa e magnífica; é a novidade oferecida por Cristo à humanidade, remida por Ele na fé e na graça.

SÃO PAULO VI.

Audiência geral, 14/7/1971

A FACE DE DEUS PARA OS HOMENS

Quem são os Santos? Os Santos são aqueles que se vestiram com a veste branca do “homem novo” (Col 3, 10), levando ao seu pleno desenvolvimento a graça batismal. Eles são os participantes e as testemunhas do Deus santo, do Deus “escondido” (Is 45, 15). Graças a eles, Ele revela-Se, faz-Se visível, torna-Se presente no meio de nós. [...]

Os Santos são o povo de Deus remido pelo Sangue do Senhor: uma

multidão imensa, proveniente das tribos de Israel e de todos os povos. Juntos constituem o verdadeiro Israel, a comunidade dos que foram salvos, a Igreja de Deus, a descendência de Abraão, na qual são abençoados os povos.

SÃO JOÃO PAULO II.

Angelus, 1º/11/1983

SÓ OS SANTOS PODEM TRANSFORMAR O MUNDO

A Igreja e o mundo de hoje têm suma necessidade destes homens e destas mulheres, de todas as condições e estados de vida: sacerdotes, religiosos e leigos, porque só pessoas com tanta envergadura e santidade serão capazes de transformar o nosso mundo atormentado e de lhe dar de novo, juntamente com a paz, aquela orientação espiritual e verdadeiramente cristã a que todos os homens intimamente aspiram, embora algumas vezes inconscientemente, e de que todos temos tanta necessidade.

SÃO PAULO VI.

Homília, 25/10/1970

UNAMO-NOS À FAMÍLIA DOS SANTOS!

Neste dia sentimos reavivar em nós a atração para o Céu, que nos estimula a apressar o passo da nossa peregrinação terrena. Sentimos acender nos nossos corações o desejo de nos unirmos para sempre à família dos Santos, da qual já agora temos a graça de fazer parte. Como diz um célebre canto espiritual: “Quando vier a multidão dos teus Santos, como gostaria, Senhor, de estar entre eles!” Possa esta bonita aspiração arder em todos os cristãos!

BENTO XVI.

Angelus, 1º/11/2008



1º de novembro – Solenidade de Todos os Santos

Santidade, eixo da História



✠ Pe. Ignacio Montojo Magro, EP

*Aqueles que
se mantêm
fiéis à marca
recebida no
Batismo
são os que
determinam
as interven-
ções divinas
nos aconte-
cimentos*

Os excertos da Palavra de Deus escolhidos pela Santa Igreja para a Liturgia desta solenidade podem nos ajudar a contemplar a História de uma forma bem diferente da enfadonha sucessão de datas e fatos que aprendemos nos bancos escolares. Sim, pois esse grande processo que se desenvolve sob o olhar de Deus, desde a criação até o fim do mundo, tem por eixo justamente aqueles que são comemorados no dia de hoje: os Santos.

Na primeira leitura, extraída do Apocalipse, as palavras do Anjo mostram como Deus adianta ou posterga sua intervenção – a qual deixa qualquer “proeza” humana à altura da mais completa insignificância – conforme estejam prontos “os servos do nosso Deus” (7, 3), marcados na fronte com um misterioso sinal.

Este bem pode simbolizar o caráter de batizados. Se soubéssemos conferir o devido valor ao grande presente de amor que o Pai nos deu, de sermos seus

filhos (cf. I Jo, 1), nada temeríamos nem desanimaríamos diante das contrariedades apresentadas pelo mundo contemporâneo àqueles que almejam manter-se fiéis ao chamado à santidade inerente ao Sacramento do Batismo.

Embora nossa entrega a Deus esteja ameaçada a todo momento pelas inúmeras solicitações para o mal que nos rodeiam, o Salmo Responsorial sublinha que a bênção do Senhor desce sobre aqueles que têm

“mãos puras e inocente coração” (23, 4). Se procurarmos ser assim, faremos parte do pugilo de justos que exercem um papel determinante nas irrupções divinas nos acontecimentos da História.

Esses acontecimentos rumam sempre para a vitória do bem, mesmo que as aparências, por vezes, indiquem o contrário. O Corpo Místico de Cristo está chamado a crescer constantemente em graça, como o manifestam as variegadas e novas formas de santidade que ele gerou ao longo dos séculos. E é a união entre a Igreja Militante e a Triunfante que impulsiona tal progresso, pelo qual, no fim do mundo, a Jerusalém Celeste descerá à terra, fazendo o tempo ceder lugar à eternidade.

Como participar de semelhante maravilha? Neste vale de lágrimas isso é impossível sem grandes tribulações (cf. Ap 7, 14)... Mas no Evangelho de hoje (cf. Mt 5, 1-12a) o Divino Mestre nos ensina que, mesmo em meio às dificuldades, aqueles que lutam com determinação, por amor a Ele, já experimentam aqui algo da felicidade celeste, que os alça acima do comum dos homens.

O padrão de relacionamento humano instaurado por Nosso Senhor no Sermão da Montanha contrariava radicalmente os hábitos da Antiguidade, tanto pagã quanto judaica. Entretanto, o desapego dos bens terrenos, o amor ao sofrimento, a mansidão, a sede de santidade, a misericórdia, a pureza de coração e tantos outros valores elevados por Ele à categoria de bem-aventuranças terminaram por impregnar com doçura a humanidade, a ponto de mudar por completo sua fisionomia.

Esse sublime convite também ressoa aos nossos ouvidos, incitando-nos a abraçar a santidade com o mesmo fervor que levou à glória celeste tantos irmãos que nos antecederam com o sinal da fé. Basta confiarmos na graça recebida no Batismo e aceitar tudo quanto Deus deseja de cada um de nós. ✠



“Santos em adoração”, por Jacopo de Cione - Galeria Nacional, Londres

O dia de ajudar os que nos deixaram

✠ Pe. Isoldino José Quintão e Silva, EP



A Igreja pode ser comparada a um magnífico palácio, com três andares comunicados entre si.

No patamar mais elevado está a Igreja Triunfante, na qual, ao convívio com Jesus Cristo, Maria Santíssima e os Anjos são associados os Santos, aqueles que fizeram violência aos Céus (cf. Mt 11, 12), entraram “pela porta estreita” (Lc 13, 24) e ouviram o doce chamado: “Entra no gozo do teu Senhor” (Mt 25, 21).

No andar terreno do palácio peleja a Igreja Militante, conforme disse Jó: “*Militia est vita hominis super terram* – A vida do homem sobre a terra é uma guerra” (7, 1). E os heróis desse combate permanente assemelham-se a Cristo e serão admitidos na sociedade dos Anjos e Santos no Céu.

Os menos “esforçados”, que foram apenas “aprovados”, mas não cumpriram o mandato de ser perfeitos (cf. Mt 5, 48), constituem a Igreja Padecente. Estão no Purgatório, de onde não sairão antes que paguem “o último centavo” (Mt 5, 26).

É por este motivo que a Igreja estabeleceu no dia 2 de novembro a Comemoração dos Fiéis Defuntos, celebração instituída por Santo Odilon de Cluny no ano 998, com o intuito de rezar de forma especial pelos falecidos que ainda sofrem no Purgatório e, assim, aliviar seus padecimentos.

Pela sacrossanta via da Comunhão dos Santos, os bem-aventurados comunicam-se com os fiéis da Igreja Militante e com os que ainda estão se purifi-

cando no Purgatório. Da mesma forma, os fiéis que se encontram na terra podem comunicar-se com os Santos do Céu, rogando sua ajuda nas lutas deste mundo, e com os membros da Igreja Padecente, pedindo-lhes pequenos favores e oferecendo orações e sufrágios para abreviar suas penas.

A primeira penitenciária do Brasil chamou-se *Casa de Correção da Corte*. Seu triplice objetivo era punir os infratores, corrigi-los e reintegrá-los no convívio social. Ora, se a convivência na sociedade terrena tem suas exigências, com absoluta razão nas moradas eternas não se admite “coisa alguma contaminada” (Ap 21, 27). A semelhança com Cristo, requisito primeiro para o convívio no Céu, quando não alcançada nesta vida deve ser completada na “casa de correção” da corte celeste, onde um fogo purificador limpa as almas dos falsos critérios humanos.

Após a morte, a alma confronta suas misérias com a infinita perfeição de Cristo, e o esplendor da beleza d’Ele lhe comunica o desejo de acrisolar-se nas chamas restauradoras do Purgatório. Ali, certa de sua salvação, ela encontra a paz, porquanto sabe estar “na graça e na amizade de Deus”.¹

Medita, pois, nos teus novíssimos (cf. Eclo 7, 40), para que o dia no qual compareças diante de Deus seja para ti de festa e alegria e não de prantos e lamentos. ✠

No dia em que a Igreja Militante reza especialmente por aqueles que se purificam no fogo do Purgatório, reflitamos sobre a perfeição que devemos alcançar para ver Deus face a face

¹ CCE 1030.

Almas no Purgatório - Capela das almas, Santiago de Compostela (Espanha)



Francisco Lecaros

Veneráveis e simbólicas pedras

Pe. Rafael Ramón Ibarguren Schindler, EP



*A consideração
do templo por
excelência da
Cristandade
lembra-nos de
nossa condição
de “pedras”
da Igreja*

Assim como as pessoas recebem o Batismo, os edifícios sagrados também são como que “batizados” ou, para usarmos termos mais adequados, são consagrados ou dedicados a Deus. Se há um ritual para abençoar casas de famílias, por que não haveria algo semelhante para os prédios destinados ao culto divino?

Já o Templo de Jerusalém – erigido para abrigar a Arca da Aliança e ser local de bênçãos para o povo de Israel – foi construído e dedicado pelo Rei Salomão em meio a prodígios sobrenaturais e imponentes cerimônias (cf. II Cr 5-7).

Em nossa era, o Imperador Constantino doou o lugar onde os Papas fixaram sua sede de governo, misto de palácio e catedral. A dedicação do templo – a primeira a realizar-se na Igreja – ocorreu há dezessete séculos, em 9 de novembro de 324.

Na ocasião o Pontífice São Silvestre deu-lhe o título de Santíssimo

Salvador, ao qual se juntaram, no século XIII, os de São João Batista e São João Evangelista. Hoje o conhecemos como a Basílica Papal de São João de Latrão.

Ali jorraram sobre os romanos e os peregrinos graças assinaladas, e se reuniram importantes concílios. Suas paredes acolheram, ademais, preciosas relíquias e obras de arte de inestimável valor. Mas nem tudo foi esplendor em sua história: a basílica conheceu terremotos, saques, incêndios e um terrível abandono durante a permanência dos Papas em Avignon. Assim como a própria Igreja, ela passou por tormentas, permanecendo sempre de pé, majestosa e maternal.

Para considerarmos, porém, o aspecto essencial desta festa, fixemos a atenção num ensinamento de São Paulo que é, sem dúvida, muito mais significativo do que a dedicação de um templo, por mais venerável que este seja: “Acaso não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus mora em vós? Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá, pois o santuário de Deus é santo, e vós sois esse santuário” (I Cor 3, 16-17).

A realidade profunda é que a construção material de um templo simboliza a Igreja, Corpo Místico de Cristo e povo santo de Deus, edificada com pedras vivas e escolhidas: as almas dos batizados.

Assim, a Teologia, a História e a alegoria se conjugam para cantar as glórias da Basílica de Latrão, mãe e cabeça das igrejas de Roma e do mundo inteiro.

Cabe ainda uma última reflexão, esta de caráter pastoral. O Evangelho de hoje (cf. Jo 2, 13-22) nos narra que Jesus expurgou, de látego em mãos, o Templo de Jerusalém, que se havia tornado uma casa de comércio. E nossas almas... não estarão precisando de purificação?

Com a absolvição sacramental – nunca com um látego – compraz-Se o Senhor em nos perdoar na Confissão, e com o Pão da Vida Ele nos sustenta em nossa vida de fé. “Dedicados” pelo Batismo, purificados pela Reconciliação e fortalecidos pela Eucaristia, seremos verdadeiramente pedras vivas da Igreja. ✚

Aspectos da Basílica de São João de Latrão, Roma



Gustavo Kraij

Antoine Tavenaux (CC-by-sa 3.0)

O fim do meu mundo



✚ Pe. Thiago de Oliveira Geraldo, EP

Dois momentos são cruciais na existência de um homem: seu nascimento e sua partida deste mundo. Os degredados filhos de Eva encontram singular repouso em ambas as circunstâncias: ao entrar na vida a criança é depositada num berço, lugar associado à esperança do que ela virá a ser no futuro; ao abandonar a condição terrena, todos recebemos um caixão, “morada” vinculada à memória de nossas realizações.

Toda história humana deve ser interpretada em função de seu fim: o julgamento no qual Deus separará os maus dos bons, cabendo o castigo a uns e o prêmio a outros, segundo suas obras (cf. Rm 2, 6).

Quando pela última vez – na Terça-Feira Santa – o Redentor saía do Templo de Jerusalém, seus discípulos se mostravam admirados com a beleza daquele edifício reconstruído por Herodes ao cabo de quarenta anos. O mármore branco, enfeitado com o perene brilho do ouro, mostrava toda a sua magnificência sob os raios do pôr do sol.

O Divino Mestre quis, a partir desse movimento de admiração meramente humana – pois a opulência exterior do edifício cobria a infidelidade que grassava em seu interior –, dar-lhes o conselho de ter em consideração o fim: “Vós admirais estas coisas? Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra. Tudo será destruído” (Lc 21, 6). Anunciava com proféticas palavras o fim *de um* mundo.

Com efeito, a resposta de Jesus alcançava dois âmbitos de particular interesse: o fim do Templo de Jerusalém e o fim do mundo. Suas palavras ainda hoje soam com ar de mistério; porém, o conjunto das leituras deste domingo torna suficientemente clara a intenção de Nosso Senhor de nos preparar para o fim.

A História já testemunhou o “fim de muitos mundos”. Basta recordar o crepúsculo do Império Grego ou do Romano. Em pleno século III, São Cipriano de Cartago desvendava o sinal dos tempos que anunciava o fim do seu

mundo: “Faltam agricultores nos campos, marinheiros nos mares, soldados nas casernas, honestidade no fórum, justiça nos tribunais, solidariedade nas amizades, habilidade nas artes, disciplina nos costumes”...¹

Levando em consideração o estado atual do nosso mundo, pode-se conjecturar que a Providência já esteja preparando um novo berço de esperança para a civilização que deve nascer do autêntico amor ao Reino de Deus.

A verdadeira visão da História analisa tudo em função de seu personagem principal, que é o Salvador, e de seu Corpo Místico, a Igreja. Para não partilharmos da sorte do Templo de Jerusalém, tenhamos Jesus Cristo como pedra angular de nosso edifício espiritual. Agindo assim, ouviremos as consoladoras palavras do Redentor: “Vós não perdereis um só fio de cabelo da vossa cabeça. É permanecendo firmes que ireis ganhar a vida!” (Lc 21, 18-19). ✚

¹ SÃO CIPRIANO DE CARTAGO. *Ad Demetrianum*, c.3: PL 4, 546.



“Cerco e destruição de Jerusalém pelos romanos, sob Tito”, por David Roberts - Coleção particular

A admiração dos discípulos pelo Templo de Jerusalém dá azo a proféticas palavras do Redentor acerca do fim “do” mundo e do fim “de um” mundo. O conselho recebido por eles também está endereçado a nós

A vitória do Rei e a derrota dos céuticos

Pe. Mario Beccar Varela, EP



“Os céuticos poderão sorrir. Mas o sorriso dos céuticos jamais conseguiu deter a marcha vitoriosa dos que têm fê”, afirmava Dr. Plínio Corrêa de Oliveira. E a leitura do Evangelho desta solenidade (cf. Lc 23, 35-43) nos faz exclaimar no mesmo sentido: os ímpios podem zombar do Divino Crucificado, mas hão de ver quão esplendoroso será o Reino d’Ele!

Do alto da Cruz, frente aos insultos e os sarcasmos da turba insolente, Nosso Senhor manteve um silêncio cheio de dignidade. Seus lábios fechados, porém, tinham uma terrível eloquência. Era como se Ele dissesse aos que O ultrajavam: “Dia virá em que os fatos serão a minha réplica triunfante”.

O próprio Pilatos confirmou, sem o querer, a realeza de Jesus com a letreiro que tanto desgostou os judeus. Nem um nem outros podiam imaginar que o Reino daquele “derrotado” seria eterno, estabelecido a partir de uma vitória esmagadora sobre seus inimigos.

Menos ainda podiam conceber que esse reino seria o mais sólido e efetivo possível: Ele reinaria sobre os corações. Não conquistaria o poder pelas armas, mas pelo amor, e somente ingressariam nos domínios do Senhor Crucificado os que se ligassem a Ele por tal vínculo.

Ficariam de fora os aproveitadores, como o mau ladrão, que pretendia somente obter um conforto físico. Mais uma vez, o silêncio seria a resposta a quem, por motivos espúrios ou interesses materiais, quisesse entrar no seu Reino.

Mas – oh, maravilha da misericórdia divina! – não se exigiria inocência total para ser admitido no Reino de Cristo. Os corações contritos e humilhados teriam as portas abertas e, para corroborar essa verdade tão consoladora, quis Nosso Senhor consigná-la através de um episódio comovedor. Por meio da conversão de um ladrão condenado à morte, seguida de um diálogo entre os dois crucificados, Ele mostrou que o Rei dos Céus recebe de braços abertos a quem se humilha, reconhece suas faltas e pede perdão.

A sentença cheia de amor e compaixão que decretou a admissão imediata do ex-bandido na felicidade eterna ressoa nos ouvidos dos arrependidos – e dos empedernidos – de todos os tempos como um convite a repetir o pedido de quem seria o primeiro “canonizado” da História:

“Jesus, lembra-Te de mim, quando entrares no teu reinado” (Lc 23, 42).

Ó almas que vergais sob o fardo de vossos incontáveis pecados: confiança! Se o bom ladrão recebeu esse perdão tão completo e esse prêmio demasiadamente grande, por que duvidar que o mesmo Sagrado Coração que consigo o levou ao Céu não atenderá com sofreguidão o vosso pedido de misericórdia?

“Em verdade Eu te digo: ainda hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc 23, 43). Eis a afirmação retumbante da realeza de Cristo.

Mas há mais. Logo após dirigir a palavra ao bom ladrão, Jesus quis superar-Se a Si mesmo: deu-nos por mãe a sua própria Mãe! Oh, prodígio de misericórdia e bondade: o seu Reino seria um reino maternal! ✠



“Cristo na Cruz”, por Piero di Cosimo - Museu de Belas Artes, Budapeste

*Como haveria
de se tornar
efetivo o
Reino de um
Crucificado?
A resposta,
divina e
triunfante,
não tardaria*

Entremos na arca da Santa Igreja!

✠ Pe. Celio Luís Casale, EP



O Advento é a fase do Ano Litúrgico “especialmente voltada para o recolhimento, para uma discreta compunção e para a esperança palpitante do grande júbilo que o nascimento do Messias trará. Todos se preparavam assim para acolher o Menino-Deus que, no virginal sacrário materno, Se acercava, dia a dia mais, do momento bendito em que iniciaria sua convivência salvífica com os homens”.¹

Para esse sublime momento, a Igreja deseja que nos preparemos devidamente, expurgando de nós os hábitos e costumes não condizentes com a vida cristã.

A Liturgia deste 1º Domingo do Advento parece querer – literalmente – nos sacudir do letargo em que a humanidade vai cada vez mais se afundando. “Já é hora de despertar” (Rm 13, 11), brada São Paulo. Não vedes que “o dia vem chegando” (Rm 13, 12)? Que dia? O dia de prestar contas! E para que não haja desculpas ou dúvidas quanto ao que fazer, ele declara: “Nada de glotonerias e bebedeiras, nem de orgias sexuais e imoralidades, nem de brigas e rivalidades” (Rm 13, 13b). Ah! Como o nosso século precisa ouvir essas verdades!

Entretanto, a advertência do Apóstolo das Gentes parece cair no vácuo. Com efeito, em todas as épocas abundam os despreocupados e otimistas...

Despreocupados eram aqueles que antes do dilúvio, segundo lembra Nosso Senhor no Evangelho deste domingo, “comiam e bebiam, casavam-se e davam-se em casamento” (Mt 24, 38), sem prestarem ouvidos ao chamado de Deus à conversão. Loucos! Em breve Noé entraria na arca, as portas seriam fechadas e cortinas de água toldariam os céus, inundando a terra. O desejo desenfreado de gozar a vida fê-los perder, em pouco tempo, aquilo que tanto prezavam. O bem maior fora sacrificado totalmente pelo prazer efêmero.

O Filho do Homem visitar-nos-á num futuro próximo ou remoto. Quando? Não sabemos. Entretanto, de uma coisa, sim, temos certeza: virá quando menos esperarmos...

Na realidade, conhecer o dia da vinda do Senhor importa pouco. A pergunta crucial que aflora aos nossos lábios é: estarei preparado para esse encontro? Salvar-me-ei ou não? Pergunta terrível, própria a fazer tremer todo aquele que honestamente busca a Deus.

Se não estou preocupado com o que mais me deve preocupar – o negócio da minha salvação –, não sou diferente daqueles otimistas dos tempos de Noé! “Nossa propensão natural é acreditar que estamos nesta terra seguros e para sempre, e, em consequência, ignorar que aqui vivemos em estado de prova”.²

Portanto, “procedamos honestamente” (Rm 13, 13a) se não queremos ser apanhados de surpresa quando da vinda do Filho do Homem. Para isso, iniciemos agora – e não amanhã – o nosso processo de conversão. E se, por acaso, nossa consciência nos acusa de algo, busquemos o quanto antes o perdão. Revistamo-nos de Jesus Cristo. Coloquemo-nos nas mãos puríssimas d’Aquele que é a Mãe de Misericórdia. E entremos para sempre na Arca da Santa Igreja, onde sempre será dia! ✠

Ante a proximidade do advento do Salvador, cabe nos perguntarmos: a quantas anda a relação da minha alma com Ele?

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. No “crepúsculo” do Sol de Justiça. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo. Ano LVII. N.18.170 (1º jan., 1979), p.3.

² CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. A vigilância: uma esquecida virtude? In: *O inédito sobre os Evangelhos*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, v.I, p.18.

“O entardecer do dilúvio”, por John Martin
(editado) - Museu Victoria and Albert, Londres



Suave crepúsculo, aurora de um novo convívio

Como o sol que, ao se pôr, deita seus mais belos raios, os últimos meses de Mons. João nesta terra foram o corolário e a quintessência de sua vida, assim como a aurora de uma nova forma de convívio de seus filhos espirituais com ele.

✠ Ir. Clara Isabel Morazzani Arráiz



“**E**spero que, apesar de minhas misérias, o Sagrado Coração Eucarístico de Jesus, Nossa Senhora, São José, meu Anjo da Guarda, Dr. Plínio, Dona Lucília e todos os meus intercessores me ajudem e façam em mim, comigo e por cima de mim o que eu deveria fazer para cumprir inteiramente a minha missão.

“E espero – e sempre desejei – uma morte suave e cheia de consolação; porque creio que, já à hora da morte, eu poderei ter constatado que a obra vingou, vai varar os séculos e os milênios, e chegar até o fim do mundo”¹.

Corria o mês de janeiro do ano 2000. Um dos filhos espirituais do então Sr. João Clá, desejoso de participar dos desígnios e perspectivas que povoavam o coração de seu fundador, aproveitou o clima de intimidade criado numa refeição para interrogá-lo sobre suas esperanças em relação a si mesmo, face ao futuro.

A resposta foi simples, rápida, sem hesitação. Entretanto, hoje tais palavras adquirem para nós o caráter de um prognóstico já realizado.

Suave e lento crepúsculo

Olhando para a trajetória percorrida por Mons. João ao longo de seus oitenta e cinco anos, vê-se quantas batalhas

vencidas, quantos desafios superados, quantas árduas missões desempenhadas com pleno sucesso! Semelhante a um astro que atravessa os céus de um extremo a outro, ele iluminou a História, deixando atrás de si o rasto indelével de uma personalidade fascinante, misteriosa e admirável.

Como foi, entretanto, o suave crepúsculo desse luminar, cuja existência constituiu-se em censura para os ímpios (cf. Sb 2, 14) e sustentáculo da piedade numa época de pecado (cf. Eclo 49, 3)?

Tal como o sol que, ao se pôr, deita seus mais belos raios, tingindo o horizonte com colorações feéricas, também os últimos meses de Mons. João nesta terra foram o corolário e a quintessência de toda sua vida. Debilitado pelo acidente vascular cerebral – AVC – sofrido quatorze anos antes, mas sempre cheio de ânimo, ele se recolheu lenta e solenemente, afastando-se aos poucos das atividades públicas e do convívio assíduo com seus filhos. Até nessa maneira de agir transpareceu sua inalterável delicadeza de trato, pois assim os foi acostumando à sua ausência, de modo que a partida se tornasse menos dolorosa.

Na noite do dia 2 de junho de 2024, no horário em que habitualmente se recolhia, surpreendeu aqueles que o

assistiam com o pedido de se dirigir à sua capela particular. Ali chegando, instalou-se numa poltrona e permaneceu acordado madrugada adentro, até o momento em que pediu para ser celebrada a primeira Missa do dia.

O que se passou naquele mudo, mas tão eloquente colóquio com Jesus Sacramentado? Singular “vigília de armas”? Pressentia ele que sua vida estava próxima do fim? Ou, melhor, que sua carreira estava prestes a começar?

Quiçá só o saberemos no dia do Juízo ou mesmo na eternidade, mas certo é que naquela inesquecível velada ele se mostrou sereno e alegre, como alguém que recebesse uma esplêndida notícia.

Alegria e afeto em meio ao sofrimento

Uma semana após esse episódio, Mons. João caiu de cama para não mais se levantar. Acometido inicialmente por uma pneumonia, seu estado de saúde foi-se agravando ao longo dos meses, com leves melhoras e novas complicações, vaivéns inerentes a tão delicada situação.

Mil padecimentos, grandes e pequenos, se abateram sobre ele: extenuação, sede e privação de alimentos por via oral, distúrbios digestivos, imobilidade, noites de insônia, dificuldade de respiração,

frequentes engasgos, constantes trocas de agulhas e esparadrapos...

Em meio a tantos incômodos, nunca proferia uma queixa ou reclamação, nem mesmo indagava sobre as causas da enfermidade ou a previsão de restabelecimento. Antes, aceitava tudo como se se tratasse de um terceiro; ou menos ainda pois, se fossem os sofrimentos de outrem, ele realmente se preocuparia, segundo a habitual solicitude com que cuidava dos demais.

Ao longo dos cinco meses que permaneceu acamado, inúmeras foram as manifestações de afeto para com seus filhos. Ora por um olhar, um sorriso ou um aperto de mão, ora se interessando

por suas ocupações ou velando para que cumprissem seus deveres de piedade, invariavelmente exprimia satisfação pela presença deles.

Quem conheceu Mons. João sabe o quanto em seu peito pulsava um coração de pai, vibrante de amor pelo bem do próximo. E esse desejo de santificar as almas traduzia-se, sobretudo, no empenho – traço característico da espiritualidade dele – em convencê-las de serem amadas por Deus. Percebendo que logo partiria, certamente procurou aproveitar o tempo que lhe restava para demonstrar isso, com uma intensidade maior que nos anos passados desde o AVC.

Também seus expressivos olhos adquiriram nova profundidade, em dois sentidos: quer na transparência de seu vasto horizonte interior, quer na penetração com que fixava quantos o rodeavam. Bastava alguém cruzar o umbral de seu quarto para imediatamente ser envolvido pela afabilidade daquele olhar, que parecia querer incutir o bem, trazendo-nos à lembrança um comentário de Dr. Plínio a seu respeito:

“Você tem olhos muito grandes e costuma, quando os tem abertos, abri-los muito. Só faz isso quem suportou longas solidões. [...] No seu caso, sempre que se dão os melhores movimentos de sua alma, você abre os olhos por inteiro”.²

Jesus Sacramentado e Maria, até o fim!

Entretanto, se Mons. João analisava tudo o que acontecia ao seu redor, o auge de sua atenção concentrava-se no momento do Santo Sacrifício, celebrado diariamente em seu quarto. Mesmo cansado ou com sono, ou até afligido por algum mal-estar, jamais negligenciava a Missa, às vezes repetindo as orações com o sacerdote, outras acompanhando os cânticos. E seu zelo aumentava à medida que se aproximava o instante da Comunhão...

A fê eucarística adquirida pelo pequenino João ao se encontrar com o Santíssimo Sacramento exposto aos quatro anos, robustecida mais tarde

pelas graças da Primeira Eucaristia e selada em 1956 pelo propósito de jamais perder uma só Comunhão na vida, atingia então sua plenitude. E a Providência, quicá desejosa de cancelar tal aliança, dispôs que ele recebesse as Sagradas Espécies pela última vez exatamente no dia 31 de outubro, data em que se cumpriam setenta e seis anos de sua Primeira Comunhão!

Na véspera desse dia, ao cair da tarde, Mons. João voltou-se em certo momento para a sua esquerda e, apontando com um gesto de cabeça para uma das numerosas imagens de Nossa Senhora que ornavam as paredes de seu quarto, exclamou com voz forte: “Maria!” Levaram a imagem assinalada até ele, que a contemplou durante longos minutos, osculando-a várias vezes.

Poucas horas depois reiterou o mesmo pedido e tornou a beijar a imagem com devoção. Finalmente, ergueu o espaldar de seu leito até ficar praticamente sentado e manteve os olhos bem abertos, permanecendo assim ao longo de toda a noite e do dia seguinte, sem sequer cochilar.

Na manhã do dia 31, ao ser cumprimentado por um de seus acompanhantes, tentou responder com um “Salve Maria”, mas a voz lhe falhou e só conseguiu articular um tênue “Maria”. O nome da Mãe de Deus seria, assim, sua última palavra... Bela síntese de uma vida consumida no amor à Virgem das virgens, expressa por uma alma que na terra só “respirou” Maria!³

No entanto, longe de ser esse ato apenas o fecho de sua carreira, ao pronunciar o nome d’Ela Mons. João legava seu testamento para a obra por ele fundada e deixava atrás de si “uma porta aberta, que ninguém pode fechar” (Ap 3, 8): só em união com a Mãe de misericórdia trilharemos as vias da virtude e nos prepararemos para o Céu!

Afinal... no extremo limite!

Este mesmo dia 31 – que seria o último – transcorreu dentro da normalidade daqueles meses, com a diferença



Teresita Morazzani

O nome da Mãe de Deus seria sua última palavra... Bela síntese de uma vida consumida no amor à Virgem das virgens, expressa por uma alma que na terra só “respirou” Maria!

Imagem osculada por Mons. João no dia 30 de outubro

de que Mons. João pouco se comunicou. A Santa Missa foi acompanhada por ele com a atenção habitual.

Passada a meia-noite, quando as primeiras horas do dia 1º de novembro começavam a correr, Mons. João deu sinais de que seu corpo, que ele de tão boa vontade havia gastado na entrega aos ideais da Igreja, despendia suas últimas energias.

Filhos e filhas rodearam sua cama, de modo que ele partisse de seus braços para os de Nossa Senhora, e passasse das manifestações da ternura filial para as efusões da torrente infinita do amor do Sagrado Coração de Jesus e de Maria.

Mons. João mantinha uma fisionomia de inalterável serenidade, denotando ao mesmo tempo o quanto estava plenamente consciente e escutava tudo o que lhe diziam.

Essa calma, por sua vez, irradiava-se para todos os presentes: não houve em torno de seu leito qualquer demonstração de desalento, nem prantos destemperados, nem agitações frenéticas. Reinava, isto sim, um grave recolhimento, uma emoção equilibrada e respeitosa.

Ocorreu então a um de seus filhos sacerdotes a ideia de celebrar o Santo Sacrifício. Imediatamente tudo foi organizado e iniciou-se a Missa. Difícil é precisar o momento exato em que sua alma abandonou o corpo, tal a suavidade com a qual ele se foi apagando, como o pavio que, ao se queimar, derrete a cera por inteiro.

Durante o Ofertório, porém, enquanto o celebrante, elevando o pão e o vinho, oferecia ao Pai as espécies que logo se transubstanciariam no Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, sua presença já não se fazia sentir ali...

Instante grandioso, diante do qual a língua filial não encontra termos adequados e vê-se obrigada a recorrer, mais uma vez, às palavras de Dr. Plínio, pronunciadas décadas antes:

“Um dos melhores traços de alma do nosso caro João é o seguinte: há nele qualquer coisa de desmedido, mas de saudavelmente desmedido, de esplendi-

damente desmedido. [...] Ele todo está sempre – e quanto eu gosto desta posição – no extremo limite de si mesmo.

“A medida de amar a Deus”, disse São Bernardo, ‘consiste em amá-Lo sem medida’.⁴ Nós realmente devemos ter algo de ilimitado, algo que esteja constantemente indicando para um extremo limite que nós nunca alcançamos e para o qual sempre tendamos, e que só teremos alcançado no momento em que, exalado o último suspiro, dermos o nosso primeiro ósculo nos pés de Nossa Senhora”.⁵

Sim, a alma de Mons. João – grande, imensa, quase desmedida e sempre efervescente de amor – havia finalmente atingido aquele “extremo limite”! Ou, antes, haviam-se aberto diante dele os espaços ilimitados da eternidade, pelos quais ele tanto almejava nesta terra!

Saudades: pináculo da visão humana, que nos aproxima da visão divina

Segundo a consideração superficial, positivista e pragmática do mundo moderno, tudo pareceria acabado. Aquele que fora um sol para seus filhos e brilhara ante os olhos destes com a intensidade do meio-dia, havia desaparecido num horizonte aparentemente sombrio e sem esperança...

O que restava? Um vazio impossível de preencher? Como se manteriam seus discípulos sem a presença alegre e animosa de tão amado guia? Sua obra, edificada a preço de tantos sacrifícios, esmoreceria por falta do impulso inigualável que só ele era capaz de dar?

Para quem conheceu Mons. João resulta fácil descobrir a resposta a tais perguntas, pois se, de um lado, é bem verdade que, nas palavras da Escritura, “o justo, ao morrer, condena os ímpios que sobrevivem” (Sb 4, 16), é também certo – e ainda mais – que “é esplêndido o fruto dos bons trabalhos, e a raiz da sabedoria sempre fértil” (Sb 3, 15).

Embora essa luz parecesse ter declinado inexoravelmente, restava, entretanto, um calor de alma cheio de

saudades; restavam a força e a vitalidade que ele soube comunicar; restavam outras tantas tochas, acesas no fogo de seu espírito, que continuariam a arder, no intuito de atear um incêndio de amor na face da terra.

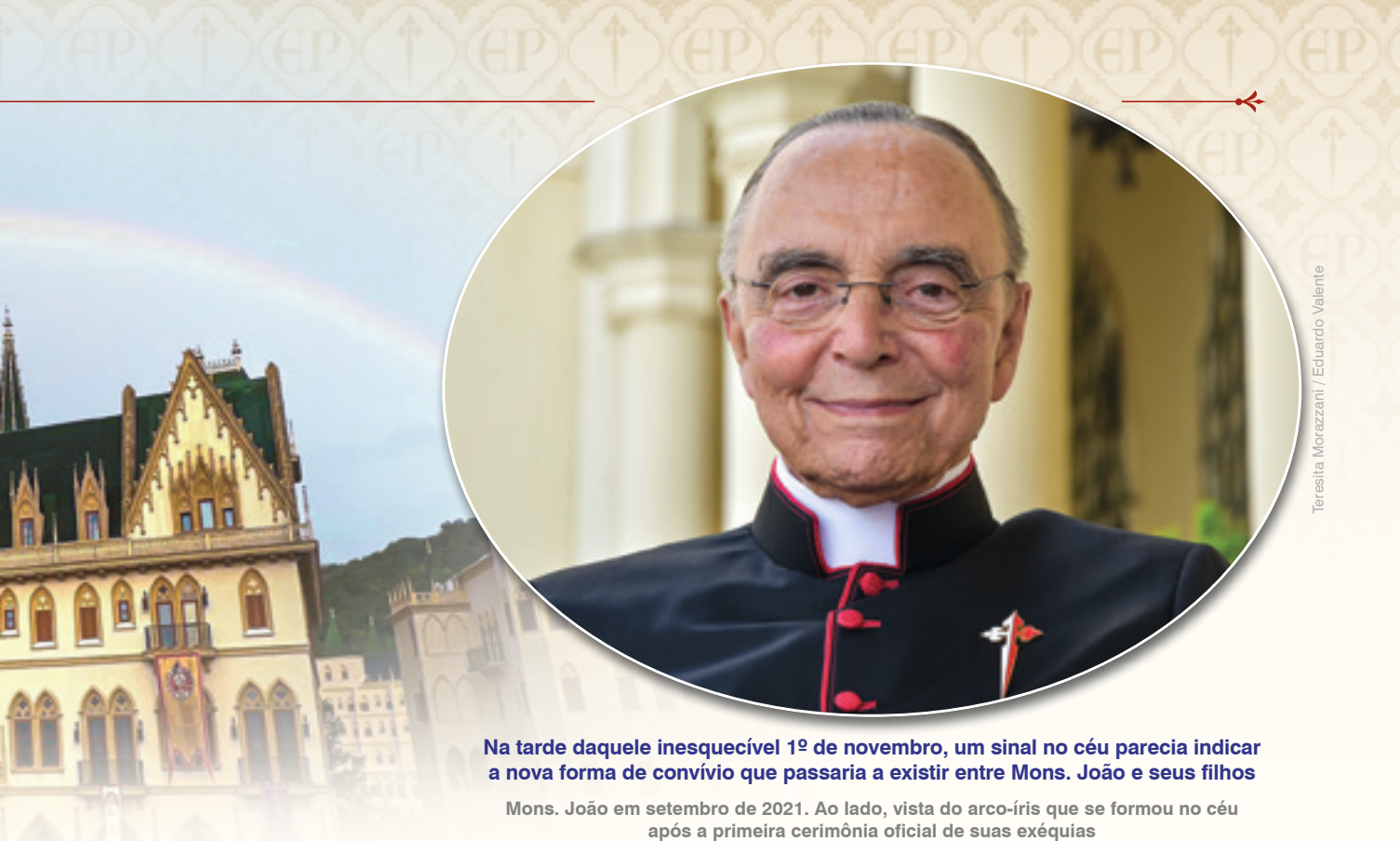
Assim, quando as tênues luzes da aurora daquela primeira sexta-feira de novembro começaram a rasgar a escuridão noturna, a suave voz da graça sussurrava unânime nos corações de todos: “Deus não é o autor da morte, a perdição dos vivos não lhe dá alegria alguma [...], porque a justiça é imortal” (Sb 1, 13.15).

Se tinham acompanhado seu pai no sofrimento, tornava-se agora imperioso, para todos os filhos que lhe quisessem ser fiéis, segui-lo para além das vastidões que separam tempo e eternidade, e galgar as alturas do mirante sobrenatural, com as vistas voltadas para o futuro, como ele lhes ensinara:

“Para o homem existe o passado, o presente e o futuro, mas em Deus não há passado nem futuro, tudo é presente.

“Um meio de o homem participar dessa perspectiva divina, em que o passado e o futuro se unem, está na soma





Na tarde daquele inesquecível 1º de novembro, um sinal no céu parecia indicar a nova forma de convívio que passaria a existir entre Mons. João e seus filhos

Mons. João em setembro de 2021. Ao lado, vista do arco-íris que se formou no céu após a primeira cerimônia oficial de suas exéquias

de uma lembrança do passado, de um gozo do presente, mas, sobretudo, da esperança e expectativa de uma realização perene daquilo que virá, numa síntese perpétua e eterna. [...]

“A verdadeira saudade, com ‘S’ maiúsculo, está muito mais voltada para o futuro do que para o passado, e ela dá ao homem a possibilidade de participar, já nesta vida, dos gozos da eternidade. Então as saudades são uma espécie de pináculo da visão humana, que mais representa a visão que Deus tem de todas as realidades”⁶.

Um arco entre o tempo e a eternidade

À tarde desse inesquecível 1º de novembro de 2024, logo ao concluir

a primeira cerimônia oficial de exéquias, um luminoso arco-íris apareceu nos céus, emoldurando a Basílica de Nossa Senhora do Rosário onde era velado o corpo de Mons. João. Seria essa uma boa surpresa preparada por ele para consolar os filhos que tanto amou? Um sinal da Providência mostrando-lhes a nova forma de convívio que deveriam estabelecer com seu pai, o meio de encurtar a distância, estabelecendo um arco entre tempo e eternidade?

Palavras dirigidas pelo próprio Mons. João em 2002, por ocasião de uma despedida, respondem a essas perguntas e adquirem agora maior atualidade, à maneira de uma garantia e de uma afetuosa promessa:

“Nós todos vamos morrer, mas a morte será a condição para vivermos eternamente juntos [...], na contemplação de Deus face a face, e no amor a Deus sobre todas as coisas, amando-O como Ele mesmo Se ama e, em função do amor a Ele e da compreensão d’Ele, amando-nos ainda mais.

“De modo que, ao invés de estarmos tristes na hora de uma despedida, devemos ter alegria, [...] pois nos aproximamos mais do dia em que não haverá nem manhã, nem tarde, nem noite, mas sim eternidade e convívio.

“Que Nossa Senhora lhes santifique na minha ausência, para que, quando eu volte, os encontre ainda mais propícios a me causarem repouso, alegria e satisfação”⁷. ❖

¹ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Conversa*. São Paulo, 2/1/2000.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 3/12/1978.

³ Cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Traité de la vraie dévotion à la Sainte Vierge*, n.217. In: *Œuvres Complètes*. Paris: Du Seuil, 1966, p.634.

⁴ SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. *Tratado sobre*

el amor a Dios, c.VI, n.16. In: *Obras Completas*. 2.ed. Madrid: BAC, 1993, v.I, p.323.

⁵ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 7/8/1980.

⁶ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Conversa*. Ubatuba, 27/7/2004.

⁷ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Conversa*. Mairiporã, 11/9/2002.

Diminuindo distâncias entre Céu e terra

Transpostos os umbrais da eternidade, era inevitável surgir a pergunta: seria este o fim ou o início do convívio?...

✠ **Elizabete Fátima Talarico Astorino**



Manhã de domingo, 3 de novembro, últimas horas de despedida. Vagarosa e solene avança a fila em direção ao féretro de Mons. João. Milhares de pessoas a percorreram com serenidade para prestar-lhe a derradeira homenagem. Aquele varão marcara seus corações para sempre. Pedidos, agradecimentos, ósculos; não há fórmula para se despedir de um pai tão amado. Deixa-se ali o coração filialmente saudoso, e vai-se com a alma posta na esperança do reencontro...

O relógio marca onze horas e três minutos quando Dr. Augusto Goedert, médico residente em Curitiba e que neste momento está na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, em Caieiras (SP), sente seu aparelho celular vibrar no bolso. Nem cogita em atendê-lo, pois está justamente osculando as mãos de Mons. João e fazendo-lhe seus pedidos.

A alguns quilômetros de distância, Da. Fernanda Rodrigues Dias dos Reis passa por uma terrível aflição: sua filha mais nova, Ana Catarina, de apenas um ano e nove meses, engasgou ao tomar um pouco de leite e, apesar dos esforços para ajudá-la a retomar a respiração, tudo é em vão...

Sete minutos sem respirar

“Fiquei desesperada. A Ana foi perdendo a cor, ficando roxa, com a boca muito escura e os braços roxos também.

Ela estava mole no meu colo... Eu gritava para os meus filhos: Peguem as ‘reliquias’! Peguem as ‘reliquias!’”, recorda Da. Fernanda.

A que se referia ela? Denominava assim, de forma popular e imprecisa, simples objetos que haviam sido tocados no corpo de Mons. João no dia anterior, em especial um terço. Enquanto seus filhos as buscavam, ela e uma amiga efetuaram ligações pedindo socorro: ao pai da criança, que estava ausente, aos bombeiros, ao Dr. Goedert...

Poucos minutos depois, este último retornou a ligação telefônica perdida, deu as orientações pertinentes ao caso e se dispôs a ir, de imediato, até o local onde Ana Catarina estava. Entretanto... como médico sabia que não chegaria a tempo de socorrê-la e pediu a Mons. João que o fizesse, pois para ele as distâncias já não existem.

Ana Catarina passou aproximadamente sete minutos sem respirar, lívida e desfalecida diante de sua mãe e irmãos consternados. Da. Fernanda prossegue o relato: “As crianças trouxeram as ‘reliquias’, eu as coloquei no peito da Ana Catarina e gritei com muita dor: ‘Mons. João, traga ela de volta! Traga ela de volta!’” A menina deu então um suspiro e começou a reagir.

Desse terrível episódio, cujo feliz desenlace carece de explicação médica plausível dado o considerável tempo

que a menina permaneceu desacordada e sem respirar, não lhe ficou sequer alguma, a não ser, para a família, a lembrança do socorro imediato de seu pai espiritual.

Assim começaram os relatos de graças semelhantes, que desmentiam as aparências de uma separação irremediável.

Uma ligação telefônica... da eternidade

No dia seguinte, 4 de novembro, durante a ação de graças da Missa matutina o Sr. Raphaël Six, membro dos Azautes do Evangelho morador da casa que foi a última residência de Mons. João, pediu a ele uma graça e um sinal de que seria atendido.

Concluída a celebração, iniciou ele suas atividades diárias: “Ouví então o telefone da biblioteca tocar e dirigi-me à mesa de recepção para atender. Qual não foi a minha surpresa ao ler no visor o nome do remetente da ligação: ‘Mons. João Clá’! Atendi, pensando que algum sacerdote estivesse telefonando do escritório de Monsenhor; entretanto, a chamada caiu...”

Tendo feito as apurações necessárias para descobrir quem poderia ter utilizado aquele ramal, o Sr. Raphaël comprovou que ninguém havia efetuado a ligação telefônica, e compreendeu que Mons. João lhe concedera o sinal pedido.

Cálice recuperado seis meses após o roubo

A resposta ao pedido feito pelo Pe. Antonio Castro Hernando, EP, residente na Argentina, chegou de forma um tanto diferente. Este sacerdote precisava restaurar seu cálice e um casal de cooperadores dos Arautos se ofereceu para fazê-lo no Peru. Porém, antes de ali chegar, o vaso sagrado foi roubado...

Narra o Pe. Hernando: “Pedi a intercessão de Mons. João para recuperar o cálice, celebrando Missas nessa intenção, sobretudo para que não fosse objeto de sacrilégio ou profanação. Os terciários também ajudaram com suas orações, mas nada. Parecia que Monsenhor não nos ouvia ou, por razões de sabedoria superior, não nos queria atender”.

Seis meses se passaram. Certo dia, um jovem argentino da cidade de Santiago del Estero comunicou-se com os Arautos para avisar que havia visto um cálice, semelhante aos utilizados pelos sacerdotes da instituição, nas mãos de um morador de rua, o qual pediu uma quantia irrisória pela devolução do objeto sagrado... Tratava-se daquele que fora roubado! Tendo-o recuperado intacto, o rapaz o expediu de volta para Buenos Aires.

Dois encontros em sonhos

Muitas são as pessoas que têm sonhado com Mons. João. Embora nesse âmbito possa entrar um forte fator subje-



Antonio Jungles

“As crianças trouxeram as ‘reliquias’, eu as coloquei no peito da Ana Catarina e gritei com muita dor: ‘Mons. João, traga ela de volta! Traga ela de volta!’”

Da. Fernanda com o esposo e filhos; em seus braços traz a mais nova, Ana Catarina. Acima, cena das exéquias de Mons. João, no dia 1º de novembro de 2024

tivo, “pelos frutos se conhece a árvore” e, nos episódios abaixo relatados, essas pequenas comunicações foram de grande utilidade para o progresso na vida sobrenatural daqueles que as receberam.

De São Carlos (SP), escreve-nos Da. Kátia Vilas Boas Gonçalves. Em sua mensagem ela narra os pensamentos que lhe vieram à mente ao despedir-se de Mons. João no fêretro: a primeira vez que o viu, doze anos antes; a dor por não ter convivido mais de perto com aquele pai; o pesar por, talvez, só acreditar de fato nessa paternidade espiritual quando ele já partira...

Continua o relato: “Muitos filhos são assim: sentem a falta do pai quando ele se vai... Naquela noite, deitei-me para dormir com um sentimento de culpa por não o ter amado o quanto ele merecia. O

sono chegou e com ele veio Monsenhor. Eu chorava em seus braços, no caixão, e ele se sentou. Estava feliz e com as faces coradas; disse para me acalmar e que tudo estava bem. Eu lhe pedi um conselho, e ele disse para me manter firme na devoção a Nossa Senhora e rezar o terço. Ele voltou a deitar-se no caixão, e eu acordei sentindo nos braços a pressão do abraço dele. Meu coração estava cheio de entusiasmo e alegria, toda a angústia fora embora!”

A uns Mons. João consola; a outros, adverte...

É o caso, realmente impactante, do Sr. Remy Adalberto Rodríguez Jerez, da República Dominicana, salvo da morte por uma admoestação de Mons. João. O fato sucedeu na madrugada do dia 6 de abril. Enquanto dormia, o Sr. Remy



A uns advertindo, a outros consolando, a todos Mons. João atendeu com afeto paternal

Da esquerda para a direita: Da. Kátia com o esposo e filhos; Sr. Remy e sua família; Da. Kauane e família durante as exéquias de Mons. João

viu-se numa famosa discoteca de Santo Domingo, chamada Jet Set, onde várias circunstâncias o solicitavam a pecar. Num outro plano do sonho estava Mons. João, celebrando uma Missa: “Monsenhor estava no altar, durante a elevação da Hóstia após a Consagração. Ele parou por um momento e olhou para mim fixamente. Mas não era um olhar de desprezo, era mais um olhar de cautela, como se me dissesse: ‘Cuidado! O que você está fazendo, Remy?!’ Ele queria me proteger, estava ali para que eu não cometesse nenhum pecado”.

Ao despertar, o Sr. Remy, que tinha cogitado em participar naquele dia de uma festa noturna no mencionado local, em companhia de sua esposa, decidiu não ir. E foi graças a isso que não perdeu a vida junto às 236 pessoas que morreram naquela madrugada, com o desabamento do telhado da discoteca...

Tal como em vida, Mons. João continua irredutível contra o mal, nunca permitindo que seus filhos concedam algo ao inimigo!

“Eu cuido de você!”

Mas Mons. João não precisa de sonhos para manifestar-se. Basta, como no caso narrado a seguir, um olhar.

Certa noite, enquanto rezava o terço em companhia de seu esposo, Da. Kauane Tobias começou a sentir dores lancinantes na perna, consequência de um câncer ósseo contra o qual luta há algum

tempo. As dores aumentavam e os medicamentos não surtiavam efeito.

Enquanto suas preces se misturavam às lágrimas, Da. Kauane fitou uma fotografia de Mons. João que possui em seu quarto: “Quando olhei para a fotografia, recebi uma graça tão grande, mas tão grande... Escutei Monsenhor me dizendo: ‘Minha filhinha, eu cuido de você!’ Parei de rezar e comecei a chorar... Sou filha única de mãe solteira e, naquele momento, experimentei um amor paternal de que nunca tinha sido objeto! Na mesma hora a dor passou!”

Pequenos pedidos... generoso atendimento

Para Da. Jeannet de Injoque, coooperadora dos Arautos no Peru, a notícia do passamento de seu fundador chegou-lhe acompanhada de uma sobrenatural alegria – por sentir que contava, a partir de então, com um novo intercessor – que a curou de uma depressão severa, motivada pelo falecimento de seu esposo poucos anos antes.

Assim fortalecida, não duvidou em pedir a Mons. João para superar outra prova, desta vez material: “Estava passando por uma situação financeira um tanto difícil, e me preocupavam algumas dívidas pendentes. Eu tinha uns terrenos à venda e, pela manhã, pedi a Monsenhor que me ajudasse a vender pelo menos um deles”. Na tarde daquele mesmo dia, uma pessoa a procurou,

interessada em comprar seu terreno, e efetuou o pagamento de imediato!

Por sua vez, I. R. rogou pela conversão do filho, que desde a adolescência havia caído no alcoolismo: “Assim que Mons. João faleceu, peguei uma fotografia dele e lhe pedi, com muita confiança, que intervisse nesta difícil situação. Não queria só que meu filho deixasse de beber, mas desejava vê-lo renovado. Era esse um dos meus pedidos diários a Monsenhor. Os dias correram, até que eu comecei a observar um comportamento diferente no meu filho”. Aproveitando a mudança para insistir com ele na necessidade de abandonar aquele vício, numa conversa I. R. ouviu do rapaz que havia algum tempo já não conseguia ingerir bebidas alcoólicas, pois sentia náusea ao fazê-lo... E, para completar a alegria de sua mãe, manifestou o desejo de procurar o Sacramento da Reconciliação.

Da. Renata Amorim, uma brasileira residente no Canadá, foi atendida após visitar a Basílica de Nossa Senhora do Rosário com sua família: “Tive a graça de rezar diante do túmulo de Mons. João. Ali deixei meus pedidos com fé e esperança, especialmente em relação à minha saúde. Sofro de endometriose, uma doença que afeta profundamente o corpo e também a mente, e que me causava, entre outras complicações, infertilidade. Em exames anteriores, havia sido detectada a presença



As portas da eternidade não limitaram a generosidade de Mons. João, que intercede por seus filhos junto ao Trono de Deus

Da esquerda para a direita: Da. Renata com o esposo e filha; Da. Sônia após a cirurgia

de cistos nos ovários. No dia 12 de novembro de 2024, seguimos viagem para Fortaleza e, como de costume, realizei meus exames de rotina. Para minha surpresa e alegria, apenas uma semana após minha visita à basílica, o médico informou que os cistos haviam desaparecido por completo. Foi um momento de grande comoção para mim e para minha família. Louvado seja Deus!”

“Ele atende rápido!”

Em 21 de novembro de 2024, Da. Marina Leanza Binotti rezou junto ao sepulcro de Mons. João pedindo um presente de Natal: que sua mãe, Da. Sônia, recebesse um rim compatível para transplante. No dia seguinte elas receberam uma ligação do Hospital do Rim, de São Paulo, avisando de uma doação!

Entretanto, depois de serem efetuadas as provas de compatibilidade, souberam que havia uma pessoa à frente na fila de transplante. Num clima de bastante angústia aguardaram a resposta final. Da. Marina começou a rezar o terço, tendo em mãos uma fotografia de Mons. João e invocando sua intercessão. Com o “Amém” da última Ave-Maria veio também a notícia: o rim seria doado para Da. Sônia! Cheia de gratidão, ela deixou a fotografia de Mons. João com sua mãe e se dirigiu ao setor de internação, para iniciar os trâmites necessários.

Na sala onde ficou Da. Sônia havia um casal em situação não muito feliz:

o Sr. Paulo César acabava de saber que três pessoas estavam à sua frente na lista de transplante e, por segunda vez no ano, ele perderia a oportunidade de receber um rim... Vendo sua consternação, Da. Sônia aproximou-se com a fotografia e, sem sequer saber o nome de Mons. João, propôs à esposa do Sr. Paulo: “Reze para ele, porque ele atende rápido!” Surpresa, mas confiante, ela encomendou a Monsenhor o caso e foi também imediatamente ouvida: logo em seguida uma enfermeira avisou que seria efetuado o transplante!

Com a mesma prontidão foi socorrida Da. Nathasha Borges, de Recife. Alguns dias depois de uma cirurgia, o dreno de silicone que havia sido implantado em sua perna perfurou a artéria femoral e ela teve uma severa hemorragia. A situação era gravíssima, e as chances de vida mínimas, pois nessas circunstâncias a hemorragia pode levar a óbito em cinco minutos... Da. Nathasha sobreviveu durante duas longas horas, apesar de ter perdido um terço do sangue total de seu corpo!

Em suas mãos, mesmo durante a inconsciência, segurava um pequeno pedaço de papel tocado por Mons. João, invocando seu auxílio: “Não tenho dúvida da intercessão do Monsenhor, pois estava com uma ‘reliquia’ dele o tempo todo nas mãos, pedindo a ele que intercedesse por minha vida e me ajudasse a aceitar a vontade de Deus. [...] Em

outra cidade, a cinquenta quilômetros de distância, minha mãe, sem saber de nada do que se passava comigo, viu a foto do Monsenhor aparecer em seu celular por duas vezes. Ela já estava quase dormindo e achou estranho, pois o celular não tem descanso de tela. Em seguida escutou: ‘Levante e reze, sua filha está morrendo!’”

Após ser estabilizada pela equipe médica, em conversa com sua mãe por telefone Da. Nathasha comprovou que Mons. João estava cuidando dela e até tinha avisado sua mãe do ocorrido, para unir-se à filha em oração.

* * *

Por ocasião do primeiro aniversário do passamento de Mons. João, quisemos compartilhar com nossos leitores esse breve apanhado de favores obtidos por sua intercessão, com o intuito de que sejam um sinal de confiança para todos aqueles que desejem a ele recorrer. Haveria ainda necessidade de mencionarmos as graças de conversão, curas espirituais e favores interiores que ele tem concedido em profusão, mas elas não caberiam em todas as páginas desta edição...

Filialmente esperamos que o poder impetratório de nosso pai e fundador, cuja generosidade as portas da eternidade não limitaram, tenha audiência cada vez maior junto ao Trono do Altíssimo, onde ansiamos um dia poder reencontrá-lo! ✚

A certeza da vitória

Daqueles que trilham as vias proféticas, a Providência exige uma confiança especial no meio da tribulação e das dificuldades: aconteça o que acontecer ter a alegria vinda da convicção de que a causa de Deus vencerá!

✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Famoso é o fato histórico ocorrido com o *Grand Condé* na batalha contra o exército espanhol, em Rocroi, quando ele tomou seu bastão de comando e atirou-o no meio dos inimigos para incentivar os franceses a conquistá-lo!



Francisco Lecaros

Há certos homens, assistidos por especiais carismas e dons de Deus, que despertam nos demais uma inabalável certeza de vitória

Luíis II de Bourbon, Príncipe de Condé - Palácio de Versailles (França)

Nesse episódio – que tanto agradava Dr. Plínio – transparece um fenômeno psicológico pelo qual os soldados, olhando para o *Condé* e percebendo o sopro que o animava a realizar aquele lance, foram movidos pelo ímpeto de que seriam vitoriosos. Se não houvesse na alma deles um “instinto de vitória”, alimentado sobretudo pelo *panache*, *élan* e distinção de seu comandante, não se lançariam nas fileiras opostas...

Ora, esse efeito de ordem puramente natural adquire proporções insuspeitadas se transposto para o campo sobrenatural. Há certos homens, assistidos por especiais carismas e dons de Deus, que despertam nos demais uma certeza de vitória muito maior que a do *Condé* na sua tropa. Nestes momentos, pelo olhar de um varão todo o ser é tomado de forma sensível por uma graça de confiança, e vai-se para a frente!

A grande prova da fé...

De outro lado devemos considerar que em geral, no conjunto da História da Igreja, todos os que têm um chamado específico – quer enquanto membros de uma Ordem Religiosa, quer em alguma outra missão de discipulado – passam por uma prova vocacional muito determinada, na linha da virtude da fé. As vias do fundador são sempre percorridas por seus seguidos

res; e se aquele afrontou grandes perplexidades, provações axiológicas e aparentes desmentidos, estes deverão trilhar o mesmo caminho.

Tomemos o exemplo máximo, do qual todos os outros decorrem: Nosso Senhor Jesus Cristo com seus Apóstolos. Qual foi a prova concreta pela qual estes passaram?

Eles haviam abandonado família, posses e profissão, para seguir um Homem cheio de vitalidade, força e ação de presença, que Se dizia Filho de Deus. O Mestre começou a andar por Israel, convidando aqueles que encontrava: “Vinde após Mim” ou “Segue-Me” (Mt 4, 19; 9, 9). E assim, chamando pescadores e publicanos, constituiu um conjunto de doze Apóstolos.

Esse novo profeta operou milagres espetaculares, curando cegos, leprosos e paralíticos, ressuscitando mortos e levantando as multidões atrás de Si. Além disso, deu a seus discípulos igual poder de operar curas e expulsar demônios, ensinando-lhes uma doutrina inédita, graças à qual passaram de pescadores de peixes a pescadores de homens. Eles se projetaram diante das próprias famílias e da sociedade judaica, a ponto de constar no Evangelho que a mãe de Tiago e João, parente de Nosso Senhor, pediu-Lhe que concedesse os principais lugares a seus dois

filhos quando restabelecesse o reino (cf. Mt 20, 20-21), pois todos presumiam ser Ele o Messias e, portanto, o Rei de Israel.

Contudo, tal hipótese suscitou temor não só em seus conacionais – que não O aceitaram –, mas também naqueles que detinham o governo temporal, e por essa razão quiseram a todo custo eliminá-Lo.

Por três ou quatro vezes tentaram prendê-Lo ou apedrejá-Lo, mas Ele escapou de suas mãos. Até que em determinado momento foi preso, julgado sumariamente e entregue ao poder civil, por quem foi flagelado, condenado e pregado numa Cruz, no alto da qual morreu...

Diante de tais fatos, poderíamos nos perguntar: “Valeu a pena esse Homem ter arriscado seu futuro no auge da maturidade, perdendo a vida aos trinta e três anos?” Tudo parecia acabado! Seus Apóstolos fugiram... Só um permaneceu aos pés da Cruz, com sua Mãe e umas poucas mulheres!

Para as almas débeis dos discípulos a Crucifixão foi a grande prova da fé, à qual não foram inteiramente fiéis. Com efeito, eles estavam chamados a crer na divindade de Nosso Senhor, como Filho do Deus vivo, e a entregar tudo, com vistas a constituir a Santa Igreja Católica Apostólica Romana enquanto seus ministros e máximas autoridades: “Vós, que Me haveis seguido, estareis sentados em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mt 19, 28).

...que perdura mesmo na vitória

Entretanto, no momento em que Nosso Senhor bradou “Tudo está consumado” e entregou o espírito, foi que tudo começou! O Homem-Deus marcou a História, a ponto de dividi-la em duas partes: antes e depois de Cristo. E a instituição por Ele fundada não só estava fadada à vitória,



Reprodução

Aquele que carece de fé não só fraquejará na hora da provação, como também será capaz de pôr em dúvida o próprio penhor da vitória

“A Ressurreição”, por Jacopo di Cione - Galeria Nacional, Londres

como se difundiria pelo mundo inteiro e seria, segundo sua promessa, imortal (cf. Mt 16, 18).

Ao ressuscitar por seu próprio poder, Jesus operou um milagre muito maior do que todos os anteriormente realizados e todos os que haveria depois. Um Homem que, após ser morto de forma tão bruta e ignominiosa, retoma a vida dá garantias de que sua palavra é verdadeira.

Mas, ainda nesse caso, quem não tem fé é capaz de pôr em dúvida tal penhor de vitória: que testemunho cabal apresentavam os Apóstolos de que seu Mestre ressuscitara? A pedra que fechava o túmulo arremessada para longe, as sentinelas que o vigiavam caídas ao chão? Estas foram pagas para

espalhar o boato de que os discípulos haviam roubado o Corpo...

O mesmo se passa em relação à Igreja. Nosso Senhor deu graças aos seus para crerem que aquela instituição era infalível e iria chegar à vitória total; mas Ele não deixou provas evidentes. Como demonstrar a irreversibilidade dessa obra? Quem podia provar que a Boa-Nova seria pregada até os confins da terra, a toda criatura? Basta lembrar que o poder oficial no povo eleito estava nas mãos dos escribas, fariseus e príncipes dos sacerdotes que haviam mandado matar Jesus, os quais criavam contínuos problemas para a Igreja nascente, que logo depois degenerariam em perseguições e martírios.

A Esposa de Cristo, no entanto, cruzaria dois mil anos e chegaria até nós! E ainda irá atravessar os tempos até o fim do mundo.

Como enfrentar a prova axiológica?

Ora, essa é a via que a Providência costuma exigir daqueles filhos dos quais quer Se servir para alguma grande missão: Ela revela apenas indícios do êxito da ação empreendida, sem dar provas categóricas e irrefutáveis, pois, do contrário, que mérito teriam os que abraçassem a causa do bem?

Piores ainda do que os empecilhos externos, são as provações interiores que surgem nesse caminho, pelas quais de repente começam a aparecer obstáculos que se opõem justamente à esperança, posta na alma pela graça, de que tudo caminharia para a glória. Outras vezes, encaixada numa rotina, a pessoa tem a impressão de que todas as suas previsões não se cumprirão ou, quiçá, se realizarão, mas ela não as verá.

Nesses momentos, o que é preciso fazer? Pedir o auxílio de Nossa Senhora e enfrentar! Aqueles que trilham



Há um murmúrio interior da voz da graça, que se vai tornando uma extraordinária sinfonia no fundo de nossas almas, a proclamar: a disciplina, o cerimonial, a sacralidade, a oração, a sabedoria, o bom senso, o “pulchrum” voltarão!

Mons. João em dezembro de 2004

as vias proféticas e, por conseguinte, muitas vezes têm sua axiologia chocada, nunca devem permitir que essa anti-axiologia abale sua convicção.

Portanto, aconteça o que acontecer, no meio da tribulação e das dificuldades, tenhamos a alegria vinda da convicção de que a causa de Deus vencerá!

Se uma muralha se erguer diante de nós, ela se abrirá de par em par como um magnífico portal, e seguiremos adiante; se uma montanha se interpuser em nosso caminho, ela será removida. Se devemos atravessar um mar a pé enxuto – embora sem ter, como São Pedro, os olhos de Nosso Senhor Jesus Cristo para fixar –, não prestemos atenção no movediço da massa líquida pois, uma vez dado o primeiro passo, as águas secarão ou se tornarão sólidas sob nossos pés e chegaremos até o fim do oceano.

Estejamos nós na situação de Sansão, sozinho contra os filisteus, ou na de Gedeão, cujo exército foi sendo reduzido até restarem apenas trezentos ho-

mens, não duvidemos! O que importa, sobretudo, é a fê interior, oriunda da união com Deus, pela qual cremos que nossos passos serão vitoriosos.

E se, pelo contrário, algum de nós estiver destinado a dar a vida na batalha, este continuará a lutar do outro lado, ou seja, no campo sobrenatural! Conservando essa certeza, ainda que morra amanhã ou hoje à noite, ele já terá participado da vitória!

Como definir a certeza da vitória?

Ao longo de toda a História, sempre existiu um motivo de esperança para os bons. No Antigo Testamento havia a promessa da vinda do Messias; no Novo Testamento há a espera pela realização das consequências desse advento, conforme as palavras de São Paulo, desenvolvidas depois pela Teologia: “A criação aguarda ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus. Pois a criação foi sujeita à vaidade (não voluntariamente, mas por vontade daquele que a sujeitou),

todavia, com a esperança de ser também ela libertada do cativeiro da corrupção, para participar da gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Pois sabemos que toda a criação geme e sofre como que dores de parto até o presente dia” (Rm 8, 19-22).

Se a Redenção se operou para salvar homens e Anjos, seus efeitos recaíram igualmente sobre toda a ordem criada. E haverá um determinado momento em que os astros, as montanhas, os lagos e as fontes serão glorificados em decorrência dos méritos da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Ora, se subirmos ao mais alto mirante do orbe e olharmos para o horizonte que por ele se espalha, comprovaremos, de um lado, o caos do mundo: a civilização chegou a seu último estágio, no qual não há mais equilíbrio nem senso, não há mais educação, cultura, boas maneiras... Pouco falta para que a humanidade faça vigorar o regime do inferno sobre a terra.

Por outro lado, a inocência que resta em nossas almas nos faz perceber que é impossível a sociedade humana se manter estavelmente num estado de revolta contra o Criador, no qual a moralidade e as leis da natureza sejam violadas como o são em nossos dias. Há um determinado ponto até onde a Providência permite que cheguem as desordens, mas, ultrapassado esse limite – do qual estamos muito próximos –, os Anjos, Nossa Senhora e o próprio Deus intervirão, pois Satanás não pode estabelecer seu trono na face da terra, e a ordem do universo tem de ser restaurada de acordo com os desígnios divinos.

Que prova existe de que isso acontecerá? A prova, para aqueles que têm fé, no-la dá Nosso Senhor: “Coragem! Eu venci o mundo” (Jo 16, 33). E essa palavra é reforçada pelo murmúrio interior da voz da graça, que vai-se tornando uma extraordinária sinfonia no fundo de nossas almas, a proclamar: a disciplina, o cerimonial, a sacralidade, a oração, a sabedoria, o bom senso, o *pulchrum* voltarão!

Assim como outrora Deus devolveu a Jó, com acréscimos, tudo o que ele perdera (cf. Jó 42, 10), tenhamos a certeza de que a este Jó – nossa triste humanidade atual – serão restituídas a virtude, a moral, a vida divina.

No que consiste, então, a certeza da vitória? Na confiança levada ao grau de convicção.

Confiança é a virtude da esperança fortalecida pela fé, de modo que entre esperança, confiança e certeza da vitória não há uma diferença de substância, mas apenas de grau. A esperança – como todas as outras virtudes – deve ser praticada. Mas, pelo nosso próprio esforço, jamais a levaremos ao extremo total. É importante, pois, pedir a Nossa Senhora que nos faça gozar de tão precioso privilégio em matéria de confiança, infundindo em nós essa convicção.

Na medida em que guardemos na alma uma convicção entusiasmada e alegre, avançaremos na prática do Primeiro Mandamento, pois só ama verdadeiramente a Deus quem a possui. Ora, cumprindo o primeiro, praticaremos todos os outros, compraremos nossa salvação e atingiremos a santidade.

A certeza do advento do Reino de Maria

No meu caso, sou obrigado a reconhecer que, por uma dádiva da Provi-

dência e uma iniciativa misericordiosa de Nossa Senhora – que reputo inteiramente gratuitas e não conquistadas por nenhuma oração nem por um grande mérito pessoal – fui assistido por uma graça fortíssima na linha da fé.

Desde o momento em que conheci Dr. Plínio na Basílica de Nossa Senhora do Carmo, em São Paulo, no dia 7 de julho de 1956, acendeu-se no meu interior, como um relâmpago muito claro, a chama da certeza da vitória e de que aquele era um homem providencial, que iria pôr o mundo em ordem, derrotar o mal e implantar na face da terra um regime pelo qual o bem estaria colocado no seu trono.

À medida que o tempo correu e eu fui me beneficiando do convívio com ele, essa graça inicial se tornou mais nítida e luzidia, e a ideia de ser ele um grande vencedor de Deus se aprofundou ainda muito mais na minha mente.

Essa certeza inabalável, que Dr. Plínio tinha como participativa da fortaleza que é o próprio Deus, me penetrou e acompanhou a vida inteira, sem nunca me abandonar. Posso confessar que passei por provações no que tangia ao cumprimento da minha missão pessoal, sobretudo nos longos períodos em que fui acometido por doenças mortais, das quais eu deduzia logicamente que faleceria. Mas não me lembro de uma só

vez ter duvidado da vitória da causa que ele defendia.

É preciso, portanto, ter essa perspectiva enraizada e ancorada no fundo da alma, de modo que as labaredas de nossa confiança subam até as portas da Jerusalém Celeste, repetindo o pedido do Pai-Nosso: “Venha a nós o vosso Reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu”!

Nosso objetivo é ver nascer uma era histórica muito mais santa e cheia de vitalidade sobrenatural do que foi o passado. Um reino erigido com tanta beleza, fulgor e brilho que dele se possa dizer: “O Céu foi transladado para a terra”. Este será o triunfo supremo do Sapiencial e Imaculado Coração de Maria!

Nesse sentido foram as palavras pronunciadas por Dr. Plínio ao encerrar sua última conferência pública, no dia 19 de agosto de 1995: “De algo estou certo, e tenho certeza de que todos os senhores estão certos. Daqui a ‘x’ anos, sejam eles cinco, cinquenta ou cem, alguém dirá: ‘Não sei no que deu, mas uma coisa eu sei: Nossa Senhora venceu!’”¹ ✠

Excertos de exposições orais
proferidas entre os anos de
1996 e 2007

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 19/8/1995.

Esperamos ver nascer uma era histórica muito mais santa e cheia de vitalidade sobrenatural do que foi o passado, e que será o triunfo supremo do Sapiencial e Imaculado Coração de Maria!

Entardecer na Casa Sedes Sapientiae,
Mairiporã (SP)

Como membros de um só Corpo

Os pequenos e grandes sacrifícios ornados pela caridade, os desejos veementes que acompanham as orações dos corações simples e as boas obras dos homens de virtude, constituem no tesouro da Igreja uma inestimável riqueza em favor de todos os fiéis.



✠ Adriel Brandelero

Quando os dias gélidos do inverno cedem lugar às primeiras chuvas da primavera, que vêm envolver em seu clima ameno a natureza até então inerte, os homens são presenteados com o despontar de uma vida nova, rica em princípios, mistérios e simbolismos.

“Eu sou a videira; vós, os ramos” (Jo 15, 5). Quem não é capaz de ouvir os ecos dessas palavras divinas ao contemplar os delicados sarmentos que

brotam nas vides longevas de um *terroir* lendário, e extrair desse singelo ensinamento frutos de doçura e paz, remédio eficaz para a salvação? Não terá Nosso Senhor querido revelar em tal alegoria uma realidade sobrenatural que Lhe aprouve plasmar na ordem natural quando o mundo foi criado? Sim! Mais do que ser simples imagem do Salvador, a videira entrega ao homem o vinho, que o tempo e as barricas haverão de sublimar, à espera de ele ceder o lugar

de sua própria substância ao Sangue de Cristo durante a Missa.

A Eucaristia é a expressão mais sensível de uma realidade invisível que revela o íntimo da relação entre a videira e os ramos, entre Cristo e seus membros: a Comunhão dos Santos.

Ao recitar o Credo proclamamos nossa fé nessa verdade, professada expressamente pela Igreja desde o século V,¹ sem, entretanto, meditar-mos no universo sobrenatural que ela encerra. Voltemos um pouco às fontes cristalinas da Escritura e aos ensinamentos milenares da Igreja, a fim de compreendermos melhor esse ponto da doutrina católica e o amor inexaurível que, por meio dele, se derrama sobre nós.

Comunhão dos Santos, nas coisas santas

A expressão *Comunhão dos Santos* é melhor compreendida quando considerada em dois sentidos distintos: comunhão nas coisas santas, *sancta*; e comunhão entre as pessoas santas, *sancti*.

Na maior parte das Liturgias orientais, enquanto apresenta as oferendas o celebrante recita: “*Sancta sanctis!* – O que é santo, para aqueles que são santos”. “Os fiéis – *sancti* – são alimentados pelo Corpo e Sangue de Cristo – *sancta* –, a fim de crescerem na



wirestock / Freepik

“Eu sou a videira; vós, os ramos”: a Comunhão dos Santos está no íntimo da relação entre Cristo e seus membros

comunhão do Espírito Santo – *Koinônia* – e de comunicá-la ao mundo”.²

A primeira acepção da palavra *comunhão* que nos vem ao espírito se refere sem dúvida à Eucaristia. Entretanto, o termo *Koinônia* significava desde tempos antigos a íntima união dos Bispos com os fiéis, dos Bispos entre si e, igualmente, dos fiéis entre si. Expressar a união de pessoas por este vocábulo denotava reconhecer uma mesma unidade vital que os vinculava,³ qual seiva divina que dá vigor a todos os ramos.

As cartas do Apóstolo São Paulo ocupam sem dúvida um esclarecedor papel na explicitação desse dogma, pois a partir da doutrina do Corpo Místico de Cristo (cf. I Cor 12, 12-14), ensinada com maestria, ele tornou em certa medida compreensível aquilo que, ainda assim, continua a ser um mistério.

“Certamente, ninguém jamais aborreceu a sua própria carne; ao contrário, cada qual a alimenta e a trata, como Cristo faz à sua Igreja, porque somos membros de seu Corpo” (Ef 5, 29-30). Sob a mesma Cabeça, que é Nosso Senhor, todos formamos um mesmo Corpo, uma mesma Igreja, seja ela triunfante, padecente ou militante.

Ora, “a condição dos Santos difere da nossa, é verdade, mas como a condição de um membro do mesmo corpo difere da de outro membro”.⁴ Portanto, se constituímos um mesmo organismo sobrenatural, “o bem de uns é comunicado aos outros. E assim, entre outras coisas que nos ensinaram os Apóstolos, deve-se crer que existe uma comunhão de bens na Igreja”,⁵ pela qual Cristo nos vivifica.

O Céu e a terra sob o mesmo “teto”

A comunhão com os bem-aventurados nasce de uma natural manifestação do coração católico. O culto que lhes devotamos tem-se propagado na Igreja desde o seu nascedouro, pois sabemos que “eles conhecem nossas necessidades melhor do que nós mesmos e, antes que nossa oração lhes chegue, Deus os preparou para ouvi-la e atendê-la”.⁶



Pode-se afirmar que “a Comunhão dos Santos é precisamente a Igreja”, a tal ponto ambas as realidades se identificam

“Caminho de salvação”, por Andrea di Bonaiuto - Basílica de Santa Maria Novella, Florença (Itália)

Por estarem mais unidos ao Verbo Divino, os Santos “consolidam mais firmemente a Igreja na santidade, enobrecem o culto que ela presta a Deus na terra, e contribuem de muitas maneiras para a sua mais ampla edificação em Cristo”.⁷ Esta regra se aplica, *a fortiori*, à Virgem Maria, que é ao mesmo tempo Mãe de Cristo e membro eminentíssimo de seu Corpo Místico. “Ela é a memória viva de Jesus e, como tal, é, por assim dizer, o polo de atração que harmoniza as diferenças e torna concordante a oração dos discípulos”.⁸

Também o sufrágio pelas almas dos que já partiram, mas que ainda se purificam nas benditas chamas do Purgatório, provém de uma milenar tradição, como atesta o Segundo Livro dos Macabeus: “É um pensamento santo e salutar rezar pelos mortos, para que sejam livres de seus pecados” (12, 46).

Estando claro com quem comunhamos tais maravilhas, resta saber

em que consistem propriamente esses bens comuns.

Tesouro infinito ao alcance de todos

Pode-se afirmar que “a Comunhão dos Santos é precisamente a Igreja”,⁹ a tal ponto ambas as realidades se identificam. Assim, a própria fé recebida dos Apóstolos, “tesouro de vida que se enriquece ao ser compartilhado”,¹⁰ sintetiza em si a riqueza posta ao alcance de todo batizado.

Na comunicação dessa fé encontramos bens inestimáveis e incontáveis, à nossa disposição. Entre eles têm a primazia os Sacramentos, sinais sensíveis da graça que nos fazem participar intimamente da vida divina, e em especial o Batismo, porta pela qual se entra na Igreja. Embora convenha mais à Eucaristia, pois é nela que se consuma nossa união com o Redentor, o termo *comunhão* pode ser aplicado a cada um dos outros Sacramentos, pois todos nos conduzem a Cristo.



Concomitante ao caudal das graças sacramentais, “o Espírito Santo distribui também entre os fiéis de todas as ordens as graças especiais para a edificação da Igreja”.¹¹ As novas espiritualidades surgidas ao longo dos séculos, não sem a influência sadia dos costumes e tradições locais, “participam da tradição viva da oração e são guias indispensáveis para os fiéis, refletindo, em sua rica diversidade, a pura e única luz do Espírito Santo”.¹²

É nessa diversidade que a Igreja se manifesta ainda mais bela e enriquecida, pois “em cada um se manifestam os dons do Espírito, para o bem comum” (I Cor 12, 7).

A comunhão na caridade

Nossos atos, ademais, mesmo os tidos por insignificantes, quando realizados na caridade revertem em proveito dos batizados. “Todos os que somos filhos de Deus e formamos em Cristo uma família, ao comunicarmos uns com os outros na caridade mútua e no comum louvor da Santíssima Trindade, correspondemos à íntima vocação da Igreja”,¹³ pois “nenhum de nós vive para si mesmo, e nenhum de nós morre para si mesmo” (Rm 14, 7).

Com efeito, as ações santas, os pequenos sacrifícios bem aceitos e os deveres de estado levados com seriedade constituem no tesouro da Igreja uma vasta, variada e incontável preciosidade em benefício das almas. É com sabedoria que essa Mãe guarda cuidadosamente em seu escrínio sagrado o legado dos Santos, suas virtudes e obras, recordando-os “no momento oportuno, como exemplos salutareis, como protestos eloquentes contra as tendências funestas de determinadas situações e épocas”.¹⁴

Assim, a vida modelar dos justos “nos ensina um caminho seguro, pelo qual, por entre as efêmeras realidades deste mundo e segundo o estado e condição próprios de cada um, podemos chegar à união perfeita com Cristo, na qual consiste a santidade”.¹⁵

Com a prática das boas obras, ademais, acumulamos méritos no Céu que – além de expiar nossas dívidas junto à justiça de Deus – podem ser comunicados pela Providência Divina ao próximo, para benefício de sua alma, mesmo que isso escape ao nosso conhecimento. É desse modo que nos tornamos “fecundos na fecundidade de Maria e da Igreja”.¹⁶

Este é talvez o aspecto mais inescrutável da Comunhão dos Santos, como declarou o Papa Pio XII: “Tremendo mistério, e nunca assaz meditado: que a salvação de muitos dependa das orações e dos sacrifícios voluntários, feitos com esta intenção, pelos membros do Corpo Místico de Jesus Cristo, e da colaboração que pastores e fiéis, sobretudo os pais e mães de família, devem prestar ao Divino Salvador”.¹⁷

Entretanto, se é bem verdade que uma alma virtuosa eleva todo o Corpo Místico, é igualmente real que o pecador prejudica todo esse edifício magnífico, “de tal modo que se pode falar de uma comunhão no pecado, em razão da

qual uma alma que se rebaixa pelo pecado arrasta consigo a Igreja e, de certa maneira, o mundo inteiro”.¹⁸

Afinal, todo membro infeccionado compromete o bom funcionamento do organismo. Ora, se para as infecções do corpo se aplicam medicamentos, para as da alma estes também não faltarão: “Confessai os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros para serdes curados. A oração do justo tem grande eficácia” (Tg 5, 16). Eis aí outro grande meio de beneficiar o Corpo Místico de Cristo: aplicar em seu favor o bálsamo salutar da oração.

Deus Se compraz com as mediações

Dado que a Igreja Militante goza da promessa do Salvador de que seremos atendidos quando pedirmos ao Pai em seu nome (cf. Jo 14, 13-14), o poder infalível da oração influi profundamente na relação entre os membros do Corpo Místico de Cristo.

Narra o Pe. Monsabré que um sacerdote, após converter grande número de



Francisco Lécarios

Uma alma virtuosa eleva todo o Corpo Místico, e a vida modelar dos justos nos ensina um caminho seguro para chegar à perfeita união com Cristo

Cena da vida de um eremita, por Paul Bril

peçoas supostamente em virtude de seus dons de oratória, recolheu-se para rezar e então “Deus lhe mostrou o pobre irmãozinho leigo que o acompanhava em suas missões e que, durante suas pregações, recitava piedosamente o Rosário e as ladainhas dos Santos. Era ele quem movia o Céu para obter a conversão dos pecadores; era a Comunhão dos Santos que, por meio desse homem desconhecido e talvez desprezado, determinava a circulação das graças extraordinárias que se atribuía ao zelo apostólico e à eloquência do pregador”.¹⁹

Outro elucidativo exemplo de intercessão é o caso de Henri Pranzini, terrível assassino de fins do século XIX, cuja ventura consistiu em gozar da compaixão de Santa Teresinha do Menino Jesus quando esta era ainda pequena. Ele foi condenado a morrer na guilhotina por seus crimes, mas se recusava irremediavelmente a inclinar-se ante o Santo Tribunal da Confissão.

Teresinha, já conhecedora da infinita misericórdia do Coração de Jesus, encomendou essa pobre alma ao Divino Redentor com insistência: “Sentindo que por mim mesma nada podia, ofereci a Deus todos os méritos infinitos de Nosso Senhor, os tesouros da Santa Igreja e, por fim, pedi a Celina que mandasse celebrar uma Missa em minhas intenções, não ousando mandar eu mesma, por temer ser obrigada a confessar que era para Pranzini, o grande criminoso”.²⁰



Fotos: Reprodução

A oração suplicante é capaz de conquistar a intervenção divina para o bem de uma alma e de toda a Igreja

À esquerda, fotografia do assassino Henri Pranzini tirada em março de 1887; à direita, Santa Teresinha em 1886

Como a fé lhe garantia que suas preces seriam atendidas, Teresinha pediu apenas um sinal que comprovasse o arrependimento do condenado. Este lhe foi dado quando abriu o periódico para conferir qual havia sido a sorte daquela pobre alma e deparou-se, entre lágrimas, com notícia de que Pranzini, antes de ser executado, tinha osculado piedosamente o crucifixo que o capelão lhe apresentava.

A oração suplicante, não necessariamente ornada de belas palavras, mas sim

de ardente desejo e plena confiança de ser ouvida, é capaz de conquistar a intervenção divina para o bem de uma alma e de toda a Igreja pois, pela lei da Comunhão dos Santos, nossa vida sobrenatural se explica em função de Cristo e se edifica em favor de sua Esposa Mística.

Segundo a feliz expressão de São Tiago, é em Deus que nós vivemos, nos movemos e existimos (cf. At 17, 28); e n’Ele beneficiamos todo o Corpo Místico de Cristo e somos por este beneficiados. ✚

¹ Cf. VILAPLANA MOLINA, Antonio. *La Comunión de los Santos*. Madrid: BAC, 1985, p.12.

² CCE 948.

³ Cf. HERTLING, L. *Communio. Chiesa e papato nella antichità cristiana*, apud FERNÁNDEZ, Aurelio. *Teología Dogmática. Curso fundamental de la Fe Católica*. Madrid: BAC, 2009, p.672.

⁴ MONSABRÉ, OP, Jacques-Marie-Louis. *La Communion des Saints*. In: *Exposition du Dogme Catholique. Gouvernement de Jésus-Christ*. 10.ed. Paris: P. Lethielleux, 1882, p.307.

⁵ SÃO TOMÁS DE AQUINO. In *Symbolum Apostolorum*, a.10.

⁶ MONSABRÉ, op. cit., p.310.

⁷ CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen gentium*, n.49.

⁸ LEÃO XIV. *Homilia*, 9/6/2025.

⁹ CCE 946.

¹⁰ CCE 949.

¹¹ CCE 951.

¹² CCE 2684.

¹³ CONCÍLIO VATICANO II, op. cit., n.51.

¹⁴ MONSABRÉ, op. cit., p.321.

¹⁵ CONCÍLIO VATICANO II, op. cit., n.50.

¹⁶ LEÃO XIV, op. cit.

¹⁷ PIO XII. *Mystici Corporis Christi*, n.43.

¹⁸ SÃO JOÃO PAULO II. *Reconciliatio et penitentia*, n.16.

¹⁹ MONSABRÉ, op. cit., p.327.

²⁰ SANTA TERESA DE LISIEUX. Manuscrit A. La grâce de Noël. In: *Œuvres Complètes*. Paris: Cerf; Desclée De Brouwer, 2006, p.143.

A orfandade de uma mãe sem filha...

Deus as unira em terna e sobrenatural afeição. O amor do mundo, porém, abriu entre ambas um abismo insuperável, de grandes consequências.

✠ Ir. Diana Milena Devia Burbano



Para muitos de nossos contemporâneos, e mesmo para alguns católicos, os Santos parecem sobranceiras montanhas de virtude, entes sobre-humanos, predestinados, separados de tudo e de todos, inimitáveis pela grandeza assustadora de seus feitos... Contudo, do alto do Céu, onde gozam da bem-aventurança eterna, como eles devem sorrir diante dessa concepção tão pouco verídica!

Homens como todos nós, sujeitos às mesmas necessidades, vicissitudes e misérias da vida terrena, quanto precisaram lutar e ser apoiados para seguirem com fidelidade o caminho que a graça lhes mostrava! Eis uma realidade que teremos a oportunidade de conhecer no dia do Juízo. Até lá, vale a pena desmentir algumas impressões falsas com que o demônio, o mundo ou a preguiça de nossa carne procuram empanar a memória desses varões e damas exemplares.

Uma das grandes mentiras vinculadas à lembrança dos Santos é a de se tratar de almas *isoladas*. Sim, isso mesmo. Pessoas autossuficientes, que rezavam pelos outros sem precisar que o fizessem por eles, que sozinhos convertiam multidões e que praticavam a virtude sustentados por uma peculiar predestinação divina...

Pois bem, àqueles que erroneamente acreditam em tais suposições desti-

namos a história a seguir. Ela começa em fins do ano de 1147, na Alemanha.

Fundação do mosteiro de Bingen

Hildegarda, uma abadessa mística, acabava de fundar o mosteiro de Rupertsberg, às margens do Reno, num local que imortalizaria seu nome: Bingen.

Seus escritos, de caráter profético, foram aprovados pelo Papa no Sínodo de Trêveris em 1148 e, a partir de então, acorriam a ela todos aqueles que procuravam luz e consolo em meio às tribulações da vida. Assim, Rupertsberg logo se tornou um verdadeiro centro de peregrinação para a Cristandade.

Colaboradores de uma grande Santa

À sombra da profetisa de Bingen cresciam almas escolhidas, certamente suscitadas por Deus para lhe aplainar os caminhos, auxiliá-la nas tarefas apostólicas e – por que não? – a sustentar na virtude. Afinal de contas, Hildegarda era tão humana quanto qualquer um de nós, mulher assaz fraca e medrosa para tudo recear nas vias da mística, inclusive para durante décadas recusar-se a revelar o que vislumbrava na “Luz Vivente”.

Hoje sabemos que essa atitude reservada em relação às próprias visões não se devia apenas à sua humildade. Hildegarda fora pobremente educada

nos rudimentos da escrita e mal dominava a língua teutônica, quanto menos a latina... Assim, necessitou do apoio de um confessor destemido, piedoso e instruído para livrar-se dos temores que o desconhecido lhe causava, e também da companhia de uma nobre religiosa que lhe servia de confidente, secretária e escrivã. Ambos, supervisionados por ela, trabalharam com afinco na elaboração de seu primeiro livro, *Scivias*, seja transcrevendo ou corrigindo a gramática de seus escritos, seja traduzindo ou interpretando suas visões, como ela mesma menciona no prólogo da obra.¹

Ora, quem era essa jovem escolhida?

Trata-se de Richardis von Stade, descendente da poderosa família dos Margraves de Stade. Sobrinha de Jutta von Spanheim, antiga mestra de Hildegarda, ingressou no mosteiro pouco antes da mudança para Rupertsberg, tendo sido sua mãe uma das maiores patrocinadoras do empreendimento.

Logo nasceu entre discípula e mestra uma terna afeição, e “a Santa deu a Richardis a mais alta mostra de sua confiança, partilhando com ela, sem reservas, os sublimes segredos de seu coração, fazendo dela uma companheira e ajudante em seu trabalho”.² A jovem seguidora tornou-se, portanto, algo mais do que uma filha: uma verdadeira amiga, uma companheira nas tribulações.

Entretanto, essa dileção deveria ser purificada das nódoas do egoísmo humano; e as provas enviadas por Deus a Richardis, nesse intuito, foram o prelúdio de uma melodia dolorosa que o futuro reservava a Hildegarda.

Uma nomeação inesperada

No ano de 1151, uma “eleição” de legitimidade duvidosa veio a pôr fim em relacionamento tão elevado. Hildegarda recebeu a comunicação de que Richardis fora escolhida para o cargo de abadessa de um convento no qual nunca vivera... As autoridades eclesiásticas lhe ordenavam então que, obedecendo à praxe, autorizasse a saída da monja rumo a seu novo destino: o mosteiro de Bassum, na Saxônia.

Quem orquestrara tal eleição? E a quem ela seria proveitosa? À comunidade que escolhia para si uma desconhecida? À jovem e inexperiente eleita, que ignorava completamente a arte de lidar com almas? Aos interesses de uma família poderosa e rica, que não necessitava de tais honrarias? Caso estranho este, no qual nobres, Arcebispos e até o Papa intervieram contra os propósitos de Hildegarda, a quem outrora haviam apoiado com tanto afinco...

Pois bem, sem compreender as razões que motivavam tal escolha, e assistida por uma graça de discernimento, a Santa viu-se na obrigação de defender a vocação de sua filha espiritual. Ela conhecia claramente a vontade divina em relação a Richardis e sabia, ademais, que esta possuía um papel indispensável no cumprimento de sua própria missão. Recusou-se, portanto, a obedecer àquela ordem.

Hildegarda contra-ataca

Como pudesse ser a ambição da mãe de Richardis a força propulsora de tal nomeação, escreveu-lhe num tom duro e incisivo: “A dignidade abacial que desejais para elas³ certamente, certamente, certamente não é da vontade de Deus nem compatível com a salvação de suas almas. Portanto, se sois mãe dessas vossas filhas, cuidado para não vos tornardes a ruína de suas almas e, depois, embora não o desejáseis, vos lamentardes com amargos gemidos e lágrimas. Que Deus ilumine e

de nosso claustro [...]. Rogo-vos, por Aquele que entregou sua vida por vós, e por sua nobilíssima Mãe, que me envieis minha queridíssima filha”⁵.

Hildegarda escreveu inclusive ao Arcebispo de Mainz, que rudemente lhe ordenara permitir a saída de Richardis: “As razões alegadas em favor do direito dessa jovem são inúteis diante de Deus. [...] O Espírito de Deus afirma em seu zelo: ‘Oh, pastores, lamentai-vos e chorai neste tempo, pois não sabeis o que fazeis quando distribuíis, em função das oportunidades de lucro, os cargos constituídos por Deus’”⁶.

E, numa carta posterior, chegou a anunciar ao prelado sua morte próxima: “O céu da vingança do Senhor se abriu [...]. Levantai-vos, pois vossos dias são breves”⁷. Deposto do Arcebispado em 1153 – entre outras razões, por malversação de fundos –, ele faleceu poucos meses depois de ler a profética missiva.

Lançando mão de um derradeiro esforço, Hildegarda apelou ao Romano Pontífice, mas tudo foi em vão: os homens haviam decidido que Richardis deveria seguir seu caminho longe dela, apesar de Deus mesmo ter unido suas vias.

Ora, o golpe final ainda estava por vir. O passo

decisivo rumo à separação partiria de quem a santa abadessa menos esperava: a própria Richardis...

Ser um sol ou um simples reflexo dele?

Ante tão complexa situação, Richardis encontrou a grande bifurcação de sua vida: aceitar o cargo de abadessa por amor a si, ou renunciar a ele por amor a Deus e à sua mãe espiritual, Hildegarda.



A abadessa deu à jovem seguidora a mais alta mostra de confiança, partilhando com ela os segredos de seu coração e fazendo dela uma ajudante em seu trabalho

Santa Hildegarda recebe uma comunicação sobrenatural em presença de seu confessor e Richardis - Biblioteca Estatal de Lucca (Itália)

fortaleça vossa mente e vossa alma no pouco tempo que vos resta de vida”⁴.

Recorreu ela também ao Arcebispo de Bremen, irmão de Richardis, em termos comoventes: “Ouça-me, prostrada a vossos pés com lágrimas e desalento [...]: certo homem horrível afastou nossa queridíssima filha Richards de meu conselho e de minha vontade, assim como dos de minhas outras irmãs e amigos, separando-a

Pressionada por todos, e talvez com maior veemência ainda pelos primeiros lampejos da ambição, ela acabou aceitando o cargo. Parece que já não lhe bastava figurar no firmamento da Igreja como uma estrela iluminada pela glória de Hildegarda... Richardis desejava brilhar por si mesma, ser um sol e não somente um belo reflexo dele.

Assim, numa despedida que imaginamos dramática, abandonou sua superiora e partiu rumo ao mosteiro de Bassum.

Longe de Hildegarda, a morte

O desconsolo apoderou-se então de Hildegarda com uma veemência inusitada, pois sua estima por Richardis baseava-se numa revelação divina. De fato, conhecera a missão de sua pupila numa visão, e Deus as tinha unido de tal forma que sua partida foi como se lhe arrancassem o próprio coração: “Ai de mim, mãe, ai de mim, filha! Por que me abandonaste como uma órfã? Amei a nobreza de teus costumes, tua sabedoria e tua castidade, tua alma e toda a tua vida [...]. Que batam no peito comigo todos os que têm uma dor semelhante à minha, os que, no amor a Deus, cultivaram em seu coração e em seu espírito tanto amor – como o que tive por ti – por alguém que lhes foi arrebatado num instante, como tu o foste de mim”.⁸

Os meses se passaram, e a separação fez-se definitiva... eterna. Arrependi-



A separação fez-se definitiva, e o lugar imprescindível de Richardis nunca foi totalmente preenchido

Santa Hildegarda - Abadia de Eibingen (Alemanha)

da de seu erro e, de certo, medindo a repercussão de seu ato – que seria empecilho para o pleno cumprimento da missão de sua fundadora –, Richardis desejou com lágrimas voltar para ela; a morte, entretanto, veio a impedir tal propósito. A abadessa de Bassum morreu em 29 de outubro de 1152. Nem sequer um ano havia-se passado desde sua partida de Rupertsberg.

Uma obra incompleta para sempre...

A complexidade das revelações com que a Providência iluminava o

espírito de Hildegarda exigia uma alma par, capaz de “traduzir” tais comunicações sobrenaturais em ensinamentos vivos para os séculos vindouros. Quem já tomou contato com as obras deixadas por esta eloquente Doutora da Igreja terá sentido a falta de tal complemento: visões de compreensão difícil ou de sentido inextricável para quem não está habituado ao relacionamento com o Céu; linguajar cativante, mas quantas vezes obscuro, afastado da realidade... Como seriam diferentes esses escritos se houvesse uma pluma que os transcrevesse, um coração capacitado que explicitasse seus mistérios!

A partir desse lamentável episódio, a vida de Hildegarda nunca mais foi a mesma. A cruz que carregava, já tão pesada por seu caráter profético, tornou-se ainda mais penosa. Ela precisava de algo tão humano quanto uma amizade que, purificada de todo egoísmo, a auxiliasse a cumprir seu chamado por inteiro. Assim, o lugar imprescindível de Richardis nunca foi totalmente preenchido...⁹

Que sua vida nos sirva, ao menos, de exemplo: no caminho da santidade, ninguém está isento de cumprir uma missão junto a seus irmãos batizados, e pode ser que a cruz que hoje nos recusamos a carregar torne-se um peso ainda maior para outras almas no futuro... ✚

¹ Cf. SANTA HILDEGARDA DE BINGEN. *Scivias*. São Paulo: Paulus, 2015, p.98.

² HERWEGEN, Hildephonse. Les collaborateurs de Sainte Hildegarde. In: *Révue Bénédictine*. Abbaye de Maredsous. Ano XXI. N.1 (1904), p.305.

³ Santa Hildegarda refere-se a Richardis e à sua sobrinha Adelheid, também nomeada abadessa de um mosteiro.

⁴ SANTA HILDEGARDA DE BINGEN. To the Margravine Richardis. In: *The Letters of Hildegard of Bingen*. Oxford: Oxford University Press, 2004, v.III, p.120.

⁵ SANTA HILDEGARDA DE BINGEN. Carta a Hartwig, Arzobispo de Bremen, entre 1151 y 1152. In: *Cartas de Hildegarda de Bingen. Epistolario completo*. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2015, v.I, p.71-72.

⁶ SANTA HILDEGARDA DE BINGEN. Carta a Enrique, Arzobispo de Maguncia, año 1151. In: *Cartas de Hildegarda de Bingen*, op. cit., p.100.

⁷ SANTA HILDEGARDA DE BINGEN. Carta a Enrique, Arzobispo de Maguncia, año 1153. In: *Cartas de Hildegarda de Bingen*, op. cit., p.102..

⁸ SANTA HILDEGARDA DE BINGEN. Carta a la Abade-

sa Ricarda de Bassum, entre 1151 y 1152. In: *Cartas de Hildegarda de Bingen*, op. cit., p.195-196.

⁹ Hildegarda gozou da amizade espiritual de várias religiosas e monges, que a auxiliaram nas mesmas tarefas até o fim de seus dias; porém, em nenhum deles a Santa vislumbrou a predileção divina que pairava sobre Richardis.



Os Santos que estão no Céu intercedem mesmo por nós?

No mundo egoísta e interesseiro no qual vivemos, é difícil encontrar um amigo verdadeiro que mantenha a disposição permanente de nos ajudar, sem esperar uma retribuição. Talvez até tenhamos a impressão de já não existir esse tipo de pessoa...

Mas, sim, existe! E são milhões! Os Santos que se encontram no Céu, os quais participam da caridade do próprio Deus e estão unidos totalmente a Ele, sentem por nós uma benquerença que o melhor amigo hipotético não nos manifestaria.

É impossível imaginar os bem-aventurados imersos na torrente das delícias de Deus (cf. Sl 35, 9) e alheios à vida árdua dos pobres mortais. Na realidade, o fogo do amor divino os impele a interessar-se por nós, conforme afirma São Tomás: “Quanto mais perfeitos em caridade são os Santos nos Céus, tanto mais oram pelos que estão na terra” (*Suma Teológica*. II-II, q.83, a.11).

Como fundamento para a veracidade dessa intercessão celeste, o Doutor Angélico aduz a autoridade de São Jerônimo: “Se os Apóstolos e os mártires, ainda no corpo, podiam orar pelos outros, quando ainda deviam preocupar-se por si mesmos, quanto mais o poderão após coroados, vitoriosos e triunfantes!” (*Contra Vigilantium*, n.6: PL 23, 344).

Ademais, a oração dos bem-aventurados possui “impetração eficaz por causa dos seus méritos anteriores e por causa da aceitação divina” (*Suma Teológica*. II-II, q.83, a.11, ad 1) pois, tendo vencido as batalhas da vida, “enquanto estavam na terra mereceram orar por nós” (ad 5). Tal é a união espiritual entre todos os membros da Igreja!

Mas – poderia alguém objetar – para que recorrer aos Santos, se os méritos de Jesus Cristo já podem nos obter tudo? O Aquinate responde luminosamente: “Deus quer que os seres inferiores sejam auxiliados

por todos os superiores. Por isso, é conveniente orar não apenas para os mais santos, como também para os menos santos” (ad 4). Além disso, “Deus quer fazer conhecida a santidade deles” (ad 4), uma vez que, como reza a Liturgia em um dos prefácios dos Santos, ao coroar os méritos dos justos o Senhor exalta os seus próprios dons.

Comefeito, apesar de, absolutamente, ser suficiente recorrer em nossas orações apenas à misericórdia divina, o Sagrado Coração de Jesus, em sua infinita bondade, compraz-Se em fazer seus amigos (cf. Jo 15, 15) partícipes de seu poder mediador. Ele não é como o superior que prefere empreender sozinho as ações que poderia delegar a outros; pelo contrário, age como um chefe bondoso que gosta de associar ao comando os seus subalternos.

Quando precisamos realizar agilmente um trâmite complicado, é comum indagarmos aos mais próximos sobre a melhor maneira de obter o que necessitamos, e procuramos sempre uma “entrada” ou um “padrinho” para este fim. “Quem não tem padrinho, morre pagão”, assevera o ditado popular. Pois bem, não nos esqueçamos de que temos milhares de “padrinhos” no Céu, os quais nos conhecem e nos amam. Para nos ajudar, eles só esperam que recorramos à sua intercessão! ✨



Saiko (CC BY 3.0)

Temos amigos verdadeiros, sempre dispostos a nos ajudar, sem esperar nenhuma retribuição. E eles são milhões!

Detalhe do Retábulo de Fiesole, por Fra Angélico - Galeria Nacional, Londres



O convívio entre os eleitos no Céu Empíreo

Quanto nos atrai a ideia de um relacionamento perfeito, cheio de admiração, benquerença e harmonia, sem qualquer atrito ou decepção! Pois bem, o que pode ser um sonho neste vale de lágrimas constitui um dos prêmios preparados por Deus para os que se salvam.

✠ Plínio Corrêa de Oliveira

O corpo é elemento integrante de nossa pessoa. A alma não está para o corpo como, por exemplo, ele está para a roupa, a qual pode ser trocada por outra sem alterá-lo. O corpo não é a roupa da alma; corpo e alma formam um só todo, uma só pessoa.

E se alguém vai para o inferno – que Deus nos livre! –, a justiça manda que ele seja castigado no corpo e na alma, porque é a pessoa inteira que peca e que, portanto, deve ser punida. O corpo se constitui em instrumento da alma para a maior parte dos pecados, e parece razoável que o instrumento seja punido como é castigada a alma, autora do pecado. Então, *a contrario sensu*, também convém que o corpo seja premiado quando a pessoa se salva.

Deus dispôs o Céu Empíreo para que os corpos tenham ali seu prêmio. A alma se reunirá ao corpo por ocasião da ressurreição dos mortos, e este passará a gozar de numerosos deleites. Mas, ao mesmo tempo, a alma terá um deleite ainda muito maior, e assim deve ser porque, dos dois elementos que constituem o homem, ela é muito mais nobre, sem nenhuma comparação.

Basta considerarmos os animais – que têm corpo, mas não possuem alma – e a superioridade do homem sobre

eles, para compreendermos até que ponto a alma, espiritual e imortal, está acima do corpo.

Nessa perspectiva, entende-se bem que a felicidade da alma deve ser muito maior que a do corpo; e não só muito maior, mas infinitamente maior. Com efeito, a alma vê Deus face a face, e nesse convívio com Ele tem uma alegria inexprimível.

Contato de alma intensíssimo e direto

Para formar uma ideia adequada da felicidade de ver a Deus, sirvo-me do que diz Cornélio a Lápide¹ sobre o deleite do convívio das almas entre si no Paraíso Celeste, o contentamento que uma alma terá no conhecer outra

e ser uma com a outra. A partir disso – como um remoto, pálido e insuficiente termo de comparação –, poderemos ter uma noção do que é a convivência da alma com Deus.

O contato das almas no Paraíso é intensíssimo e direto. Difere do contato entre nós, no qual cada um reflete, de algum modo, estados de alma que podemos observar, quando prestamos atenção. Um tanto por hipótese, um tanto com certeza – muitas vezes não sabendo nós distinguir exatamente a hipótese da certeza –, formamos uma certa noção a respeito da mentalidade, da psicologia, da disposição de espírito de um outro, como ele está recebendo nossa conversa e nossa companhia, e como estamos recebendo a companhia dele.

Esse contato de alma que se dá na terra oferece alguma luz, mas sobretudo apresenta penumbras. Gostaríamos de conhecer muito mais. No Céu, porém, as almas se conhecem diretamente, como se cada uma “lesse” a outra à maneira de um livro aberto.

Harmonia plena, entre todos

Como todas se encontram em estado de perfeição, tendo sido, no Purgatório, purificadas de todos os defeitos que tinham na terra, a consideração de qualquer alma é altamente aprazível.

*O contato das
almas no Paraíso
é intensíssimo e
direto, como se
cada uma “lesse” a
outra à maneira de
um livro aberto*

Não há os inconvenientes que existem neste mundo, onde, sendo ou não bom psicólogo, estorvamos de repente, por defeito nosso ou de outrem, com estados de espírito incompatíveis com os nossos. E, com a incompatibilidade, surge o desprazer no convívio.

As vezes desponta, pelo contrário, uma grande harmonia com outra alma. Mas trata-se de algo fugidio, que surge durante alguns instantes e depois desaparece. No máximo, podemos dizer: “Se eu conhecesse essa pessoa mais a fundo, em tal veio, haveria probabilidade de nos entendermos muito bem. E nos outros veios, como nos entenderíamos? Seria igualmente bem? Esse aspecto, que nela se manifestou de modo tão fugaz, que profundidade, que substância tem? Quem é essa pessoa?”

No Céu não há nada disso! Todos os estados de alma são definitivos. Podem uns aparecer com mais realce, outros com menos, conforme o que a alma vê em Deus, mas tudo é perfeito. E nós temos, então, além do conhecimento total, o conhecimento daquilo que é totalmente delectável, harmonioso em si mesmo – não há contradição no interior daquelas almas – e harmonioso conosco.

Como estaremos, mediante a oração e a ajuda de Nossa Senhora, em estado de perfeição, nunca nos arranharemos uns aos outros. E teremos alegria em ver este, aquele, aquele outro, como uma perpétua festa de conhecimento, de reconhecimento, de aprofundamento. E essa alegria – que ainda não é, nem de longe, o gáudio de ver a Deus face a face – nós podemos imaginá-la bem se pensarmos que encontraremos no Céu aqueles que foram nossos conhecidos na terra e que nos ajudaram, ou a quem nós ajudamos, a praticar o bem.

Convívio no qual se amam as desigualdades

Esse é o verdadeiro convívio, em que a inveja, o ódio, o desagrado pelas desigualdades não existem; no qual o maior enche o menor de contentamento e satisfação!

Algum tempo atrás, viajando por uma rodovia de São Paulo, tive uma ideia muito passageira dessa realidade. Há em certo trecho uma plantação enorme de eucaliptos, pertencente a uma companhia de papel, e num determinado lugar existe um pequeno alagado, onde corre um riozinho; a terra é um pouco pantanosa e a plantação se abre um tanto. Passo com certa assiduidade por lá, e uma vez ou outra tem acontecido de o vento soprar de um modo

*No Céu teremos
alegria em ver este,
aquele, aquele outro,
como uma perpétua
festa de conhecimento,
de reconhecimento e
de aprofundamento*

curioso, talvez em redemoinho, causando a impressão de que aquelas árvores fazem reverências umas às outras.

Vendo esses eucaliptos, penso na harmonia existente no Céu entre pessoas que apreciam as virtudes mútuas e se reverenciam. Inclusive a maior em relação à menor, porque todo ser humano, por mais alto que seja, deve amar e respeitar seu igual, por ser ele à imagem e semelhança do Criador. Mas também porque todo homem em algum aspecto é único. E no Céu se conhece aquilo que a pessoa possui de irrepetível. Portanto, tem-se o gáudio especial de, no ato de conhecer, fazer uma referência a Deus, entendendo o que Ele quis realizar ali.

Tudo isso faz do convívio de alma a alma um deleite de que não podemos ter bem ideia nesta vida.

Variedade delectável de sabores espirituais

Um aspecto do relacionamento terreno pode nos ajudar a compreender um pouco esse deleite. Há pessoas que



Detalhe de “Todos os Santos”, por Jean Colombe - “Livro das Horas de Louis de Laval”, Biblioteca Nacional da França (Paris)

Reprodução



Dr. Plínio em agosto de 1991; no alto da página e em destaque, obras de Fra Angélico, respectivamente: detalhe de “A Virgem Maria com os Apóstolos e outros Santos” - Galeria Nacional, Londres; São Domingos - Museu Nacional de São Marcos, Florença (Itália)



Reprodução

são expressivas; quer dizer, exprimem o que sentem. Algumas são agradavelmente expressivas. Outras são desagradavelmente expressivas, às vezes sem culpa própria.

É muito deleitável entrar em contato com uma pessoa que se exprime bem, sobretudo quando se percebe não só o sentido claro da palavra, mas a harmonia, a consonância de toda a personalidade com aquilo que está sendo dito.

Poder-se-ia afirmar que aquele que tem essa aptidão está para quem se exprime de modo teórico e sem outras refrações fora de si, como aquele que canta para o que simplesmente fala.

Ora, no contato dos homens entre si no Paraíso – sobretudo com os Anjos, com Maria Santíssima e com Nosso Senhor – notaremos isso, porque tudo transcorrerá de maneira perfeita e agradabilíssima; não haverá, portanto, um só contato que não seja verdadeiramente magnífico.

*Também nos será
dado contemplar em
cada Santo todas
as suas virtudes,
em especial aquelas
que ele mais
praticou na terra*

Nos esplendores do Céu, se nós virmos passar perto de nós, por exemplo, São Gregório VII, irradiante de glória – como ele estava quando o Imperador Henrique IV se ajoelhou diante das portas do castelo onde se encontrava o Papa, pedindo perdão –, notaremos todas as modalidades de santidade que houve nele, inclusive a cólera santa que o animou naquele momento.

Não podemos imaginar, portanto, um Céu adocicado. Doce, sim; adocicado, não! Com uma variedade deleitável de sabores – sabores espirituais, bem entendido! –, pela qual todos os estados virtuosos da alma, desde a indagação reflexiva mais atenta até o enlevo, desde a cólera mais angélica até a serenidade mais diáfana e tranquila, se farão notar nas várias almas, sobretudo naquelas cuja virtude foi intensíssima na terra.

Há um quadro de Fra Angélico, do qual gosto muito, que representa São Domingos estudando. Para realçar a pureza do Santo, o artista pintou um homem feito, mas com a inocência de uma criança, sentado, com uma das mãos no queixo, lendo um livro colocado sobre os joelhos. Pois bem, no Céu poderemos contemplar em São Domingos todas as virtudes que ali se refletem.

Encontro com São Tomás de Aquino

Como seria bonito, por exemplo, ver São Tomás de Aquino em vida pensando profundamente num tema, e o espírito possante dele à procura da verdade.

Podemos imaginar como ele, depois de ter levantado cordilheiras magníficas de prós e de contras, de pensar e de dizer que não conseguia resolver a questão, se ajoelhava diante do taber-



náculo, com uma genuflexão profunda, e com os olhos postos na mediação de Nossa Senhora abria o sacrário e punha sua cabeça dentro, para pensar e encontrar a verdade. Que coisa magnífica! Como seria sua fronte venerável?

Vendo passar São Tomás no Céu, notaremos tudo isso! E compreendemos o gáudio que essa consideração pode dar. Sobretudo se ele sorrir para nós e disser: “O senhor estava numa reunião em São Paulo, onde todos ex-cogitavam de mim com a cabeça posta dentro do Sacrário, não é? Naquela hora, eu rezei pelo senhor no Céu!”

Como será grato para nós vermos que somos conhecidos por São Tomás, o qual, estando já no Céu, nos protegeu quando estávamos na terra. Podemos imaginar os primeiros encontros no Céu e a alegria dessa forma de convívio!

Uma orquestra deslumbrante

Eu deveria falar ainda algo a respeito do convívio com os Anjos, que é outro modo de nos aproximarmos de uma ideia do que seja a visão de Deus face a face.

Os Anjos conhecem perfeitamente as almas dos bem-aventurados, e estas os conhecem como conhecem o que se passa nas outras almas. E nessa cognição veem toda a perfeição de cada um deles.

Sucede que o Anjo, como ser espiritual, é simplicíssimo e tem uma nota dominante que o define. Então poderíamos dizer que há um Anjo da pureza, outro da coragem, outro da fortaleza, outro da sabedoria, outro da temperança, e daí para adiante. E imaginar as várias virtudes em suas mil modalidades possíveis, e os Anjos as refletindo de um modo acentuadíssimo.

De maneira que, considerando o conjunto dos Anjos, teríamos um panorama do conjunto de todas as virtudes.

*O convívio cheio
de incomparável
harmonia das almas
no Paraíso é mais
precioso do que os
deleites materiais
do Céu Empíreo*

E, cogitando sobre os Anjos enquanto se relacionam entre si, não esquematicamente, mas pelos movimentos do que acontece no Céu, teríamos um quadro de conjunto de uma orquestra assombrosa, que toca uma partitura improvisada a todo momento.

Assim, as várias virtudes se entrelaçam, se desenlaçam, se agrupam e se reagrupam, mas com uma plenitude e uma força de personalidade e de afirmação que nós, simples criaturas terrenas, absolutamente não imaginamos. Um só Anjo já nos deixaria deslumbrados. Para termos uma ideia disso, basta dizer que, se conversássemos com apenas um Anjo durante um milhão de anos, experimentaríamos a sensação de que ele ainda guarda algo de novo para nos contar.

Os Anjos são muito mais numerosos do que os homens; nós devemos preencher lugares deixados pelos anjos malditos, quando caíram no inferno. Podemos assim vislumbrar o que será a convivência durável e admirável com essa quantidade incontável de Anjos. Será um mar de deleites.

Contato das almas no Paraíso

Suponhamos que pudéssemos viajar para terras distantes. O mais agradável,

com certeza, seria conhecer lugares com ambientes geográficos e panoramas diversos, onde houvesse homens variados com os quais nos entendêssemos, todos bons, mas, sobretudo, apresentando formas diferentes de beleza e de bondade, de maneira que com todos nos harmonizássemos. Essa variedade somada, dos homens e dos ambientes, constituiria o maior prazer.

Mas imaginemos que alguém dissesse a um de nós: “Você precisa escolher entre duas formas de turismo: visitar vários lugares do mundo, vazios e sem homens; ou estar num lugar onde, a todo momento, lhe aparecem pessoas de diferentes partes do orbe, perfeitíssimas e boníssimas, com seus trajes regionais, seu espírito, sua linguagem, e cada uma delas com uma prosa excelente”.

O que preferiríamos? Os lugares vazios ou as pessoas? As pessoas, a perder de vista! Porque, por mais que os panoramas sejam excelentes, a parte mais importante do homem é a alma, e *similis simili gaudet* – o que é semelhante se regozija com seu semelhante –, a alma se alegra no contato com outra alma. Evidentemente!

O convívio das almas no Paraíso é mais precioso e mais valioso do que o contato com a matéria do Céu Empíreo, apesar da magnificência e de todas as outras maravilhas desta; tudo isso é pouco em relação à harmonia incomparável do relacionamento que nós teremos no Céu. ✚

Extraído, com adaptações para a linguagem escrita, de: *Conferência*.
São Paulo, 9/1/1981

¹ Cf. CORNÉLIO A LÁPIDE. Ciel. In: *Les trésors de Cornélius a Lapide*. 4.ed. Paris: Poussielgue Frères, 1876, v.I, p.289-291.

Virgem sábia e aguerrida

Desprezando os títulos temporais em preferência aos eternos, Santa Catarina enfrentou os inimigos da Fé, resistiu nas disputas, padeceu a prisão, guardou sua virgindade e permaneceu firme em suas convicções.



✠ Ir. Juliana Montanari



Santa Catarina de Alexandria, por Pietro Nelli - Museu Bonnefanten, Maastricht (Países Baixos)

“**E**u a preferi aos cetos e aos tronos, avalei a riqueza como um nada ao lado da sabedoria. Não a comparei à pedra preciosa, porque todo o ouro ao lado dela é apenas um pouco de areia, e porque a prata, diante dela, será tida como lama. Eu a amei mais do que a saúde e a beleza” (Sb 7, 8-10).

Muitas mulheres se caracterizam por sua tendência à vaidade, à superficialidade, à ganância e ao desejo de influenciar. Não são tantas as que buscam sobressair pelo conhecimento, pela penetração dos mistérios, pela aquisição de inteligência singular...

Conheço a história de uma, privilegiada por inigualável formosura e possuidora de grande influência gra-

ças à sua nobre origem e às riquezas de que desfrutava. Ela, no entanto, não deitava atenção nisso; seu verdadeiro anelo consistia em compreender as ciências. E para ela era fácil adquirir o que ambicionava: além de ser dotada de rara capacidade intelectual, nascera e morava numa cidade ilustre por sua cultura, sede de filósofos imortais.

O Rei dos reis desposa uma princesa no Egito

Natural de Alexandria, no Egito, Catarina era filha de um rei pagão, Costos, de Chipre.¹ Sua beleza, porte majestoso e erudição tornavam-na conhecida de todos. Desde a infância dedicou-se com afincos aos estudos e foi “muito instruída na arte da retórica, na filosofia, na geometria e nas outras ciências”.² Mas nada disso a satisfazia. Seu espírito penetrante discernia o vazio daqueles conhecimentos e percebia faltar uma “pedra angular” que lhes desse razão de ser.

Certo dia teve ela uma visão: uma Dama carregava em seus braços um Menino encantador e pedia-Lhe que aceitasse Catarina entre os seus servos. A criança, porém, recusava. Apesar da forte impressão que lhe causava, Catarina não logra entender o sentido mais profundo da cena.

Instruída desde a infância nas ciências de seu tempo, discernia o vazio de todas elas e percebia faltar uma “pedra angular” que lhes desse razão de ser

Prosseguiu em seus estudos até conhecer a doutrina dos discípulos de Jesus Cristo, que cativa inteiramente o seu coração. Tudo a encanta e, a cada nova descoberta, mais lhe aumenta a sede de aprender, sempre acompanhada de celestial satisfação. “Catarina é cristã de coração antes de receber o Batismo”.³

A visão que tivera ganha então significado, e ela compreende que de nada valiam toda riqueza e ciência do mundo se não gozasse do beneplácito do Divino Menino. Passado algum tempo, a aparição se repete; desta vez, porém, Jesus Infante traz uma aliança em suas mãos e, com grande afeto, desposa a jovem diante da corte do Paraíso.

Grande polemista, dama invencível

No princípio do século IV, após a abdicação de Diocleciano e Maximiano, Maximino Daia, originário da Dácia, passou a ser o governador da Síria e do Egito como César. Sua crueldade não ficava a quem à de seus antecessores: derramar sangue e profanar donzelas era o seu lema.⁴

Ao assumir o governo, emitiu um decreto ordenando a todos os habitantes de Alexandria que oferecessem sacrifícios aos deuses, sob pena de rigorosa e inexorável punição. Obsessivo com a ideia de ver seus súditos adorarem os ídolos e todas as virgens e nobres matronas se renderem às suas torpes pretensões, Maximino serviu-se dos tormentos mais cruéis: uns eram atirados nas fornalhas, outros lançados às feras ou precipitados no mar, muitos terminaram no calabouço depois de serem violentamente mutilados em refinadas máquinas de suplício.⁵ A atmosfera na capital se obscurecia cada vez mais com a fumaça de tais holocaustos e ninguém ousava frear os desejos bestiais daquele tirano. Ninguém, exceto Catarina.

Impulsionada pelo fogo de seu amor, ela assistia, animava e fortale-



Santa Catarina discutindo com os filósofos - Museu Nacional Bávaro, Munich (Alemanha)

*Mais do que na
própria erudição,
ela se apoiava na
promessa do Salvador:
“naquele momento
vos será inspirado o
que haveis de dizer”*

cia os irmãos na fé. Julgando tais obras ainda insuficientes, não tardou em se apresentar ao palácio do governador para defender a Religião vilipendiada.

Ao ser informado que uma virgem aristocrata desejava falar-lhe, Maximino supôs ser mais uma donzela que cairia em suas presas. Ao vê-la, fascinado por sua formosura e nobreza, interrogou-a:

— Quem és tu?

— Minha origem é assaz conhecida em Alexandria. Chamo-me Catarina e meus pais provêm da mais ilustre linhagem. Emprego todo o meu tempo no conhecimento da verdade e, quanto mais estudo, mais me convenço da fragilidade dos ídolos que adorais. Sou cristã e tudo faço para ser esposa de Jesus Cristo. Meu único desejo é que O conheçais, e todo o vosso império convosco. Aquilo que professais nada mais é do que superstição.

Profundamente ferido em seu orgulho e sem conseguir conjecturar resposta, o governador mandou reunir cinquenta filósofos renomados para discutirem com ela.

Podemos imaginar ser essa uma ocasião em que a fraqueza humana se fez sentir... Mas foi também o momento grandioso em que a combatente elevou uma súplica confiante Àquele por quem lutava. Por isso, conta-se que um Anjo lhe teria aparecido e dito: “Nada temas. Haverás de persuadir os cinquenta filósofos e um grande número dos que vão assistir à discussão. Far-lhe-ás conhecer Nosso Senhor Jesus Cristo e conquistarás a palma do martírio”.⁶

Fortalecida pelo mensageiro celestial, Catarina apresentou-se ante os renomados sábios e o governador, que ali estava atizado pela curiosidade. Tomando assento entre eles, refutou uma por uma todas as suas argumentações sutis e falaciosas. Mais do que na própria erudição, ela se apoiava na promessa do Salvador: “Sereis por minha causa levados diante dos governadores e dos reis: servireis assim de testemunho para eles e para os pagãos. Quando fordes presos, não vos preocupeis nem pela maneira com que haveis de falar, nem pelo que haveis de dizer: naquele momento vos será inspirado o que haveis de dizer. Porque não sereis vós que falareis,



“Martírio de Santa Catarina de Alexandria”, por Neri di Bicci - Museu de Arte da Catalunha, Barcelona (Espanha)

*Enfurecido por não
lograr persuadir aquela
nobre a negar a crença
no verdadeiro Deus,
Maximino viu-se mais
uma vez derrotado
por um milagre*

mas é o Espírito de vosso Pai que falará em vós” (Mt 10, 18-20).

Maximino estava, a princípio, paralisado de estupefação. Depois ordenou que os sábios expusessem argumentos mais contundentes, mas eles se viram vencidos por Catarina e acabaram por reconhecer a existência de um só Deus verdadeiro, dizendo: “Assinaremos esta verdade com o próprio sangue, se assim for necessário”.⁷ E terminaram sendo lançados ao fogo e conquistando, pelo martírio, o Reino dos Céus.

A fraqueza se alia à confiança

Mas a epopeia da princesa não havia se encerrado. As atas dos márti-

res narram que ela foi lançada num calabouço.⁸

Sua resistência, serenidade e ardor eram mais eloquentes do que qualquer palavra saída de seus lábios. Nesse último período de vida ainda converteu muitas pessoas ao seio da Igreja, entre elas a imperatriz e Porfírio, chefe de uma legião, com duzentos soldados.

Enfurecido após tentar de todas as formas persuadir aquela nobre de apostatar da crença no verdadeiro Deus, e comprovar sua inflexível convicção, Maximino a condenou ao suplício em uma máquina constituída por quatro rodas com dentes de ferro, feita para despedaçar a vítima.

Ao escutar a condenação, podemos conjecturar que novamente o Senhor tenha permitido que sua serva temesse. É verossímil imaginar Catarina de joelhos, rogando forças naquela situação. Sem dúvida seu maior receio era que, à vista do suplício, vários cristãos se amedrontassem e vacilassem.

É chegado o momento. Amarrada ao cruel instrumento, com olhar provavelmente fixo no Céu, o carrasco se aproxima para iniciar a execução. Entretanto – oh, milagre! –, um Anjo acorre e

estraçalha a máquina, cujos estilhaços ferem de morte os próprios verdugos.

O instinto bestial de Maximino não podia mais tolerar a existência daquela virgem que tanto o humilhara. Num ímpeto de cólera e furor, manda decapitá-la sem demora.

A heroína caminha com grande serenidade ao lugar indicado para a morte. Momentos depois foi executada e sua alma voou ao encontro do Esposo, que a esperava de braços abertos.

Corpo casto protegido pelos Anjos

Narram as crônicas que de seu pescoço, em vez de jorrar sangue, brotou leite, o que muitos interpretam como sinal de sua virgindade fecunda, ou seja, a maternidade espiritual que Santa Catarina exerce para com um grande filão de almas.

A tradição ainda conserva o fato de que os Anjos recolheram o seu corpo, o transladaram ao Monte Sinai e ali o sepultaram. Com efeito, aquele corpo casto não deveria ser tocado por mãos manchadas pelo pecado. Portá-lo-iam somente os espíritos celestiais, com quem, pela virtude da pureza, Santa Catarina possuía inteira consonância.

Ainda que esses dois episódios não sejam historicamente comprovados, nossa devoção pode aceitá-los de coração. Certo é que para autenticar a fidelidade de sua serva, se Deus não operou essas maravilhas, realizou então outras maiores, posto que Ele sempre excede qualquer imaginação humana.

No século XI as relíquias de seu corpo foram transladadas para Rouen, França, e até hoje elas exalam uma doce fragrância.

Por que a princesa de Alexandria teria “rumado” para a nação filha primogênita da Igreja? Talvez porque, chegando ela na eternidade, sua missão apenas começava...

Missão celeste de Santa Catarina

Desprezando os títulos temporais em preferência aos eternos, Santa Catarina enfrentou os inimigos da Fé, resistiu nas disputas, padeceu a prisão, guardou sua virgindade e permaneceu firme em suas convicções. Nosso Senhor quis conceder-lhe prêmios pela vitória obtida, e um deles foi constituí-la auxiliadora das almas virgens e heroicas que teriam de enfrentar situações semelhantes.

Cabe lembrar, ao menos de passagem, a atuação dela junto a Santa Joana d'Arc. Acompanhando o Arcanjo São Miguel e Santa Margarida, a mártir de Alexandria aparecia e instruía a Donzela de Domrémy no cumprimento de sua altíssima missão de salvar a França. Foi Santa Catarina que mostrou à heroína francesa a espada escondida que esta deveria usar no campo de batalha. Foi ela ainda que lhe revelou como seria ferida e capturada pelos ingleses; e por várias vezes a animou nas provações, em especial

quando Joana se jogou da torre em que se encontrava presa.

Santa Joana d'Arc guardava um anel como lembrança de seu pai. Sua gloriosa protetora o osculou e, a partir de então, a *Pucelle* o conservou como uma preciosíssima relíquia. Este mesmo anel até hoje é venerado na França.

O que ela ainda fará?

O nome já diz: eternidade é eternidade. Desse modo, por mais que Santa Catarina de Alexandria esteja há séculos no Céu, sua história e missão apenas começaram...

Se tão extraordinários são os feitos que ela já realizou em favor de seus devotos e da grande salvadora da França, o que ainda Deus lhe tem reservado daqui para frente?

Suas graças não se esgotaram, seu poder de intercessão não minguou!

Não duvidemos em invocá-la nas dificuldades, tanto mais se estivermos defendendo o bem e a verdade, a virtude e o nome de Deus e de sua Igreja. Não há dúvida de que Santa Catarina de Alexandria virá em nosso socorro com o brilho e a pujança que sempre a caracterizaram. ✚

*Os Anjos recolheram
seu corpo e sepultaram-
no no Monte Sinai.
Com efeito, aquele
corpo casto não poderia
ser tocado por mãos
manchadas pelo pecado*



“Decapitação de Santa Catarina de Alexandria”, por Lorenzo Monaco - Gemäldegalerie, Berlim

¹ Cf. PEREIRA, Ney Brasil. *Santa Catarina de Alexandria*. 2.ed. Florianópolis: [s.n.], 2015, p.20.

² SIMEÃO METAFRASTA. *Martyrium Sanctae Catharinae*, n.5: PG 116, 279-282.

³ GONZÁLEZ VILLANUEVA, Joaquín. Santa Catalina de Alejandría. In: ECHEVERRÍA, Lamberto de; LLORCA, SJ, Bernardino; REPETTO BETES, José Luis (Org.). *Año*

Cristiano. Madrid: BAC, 2006, v.XI, p.606.

⁴ Cf. Idem, p.606.

⁵ Cf. Idem, p.608-609.

⁶ ROHRBACHER. *Vida dos Santos*. São Paulo: Américas, 1961, v.XX, p.241.

⁷ Idem, p.242.

⁸ Cf. GONZÁLEZ VILLANUEVA, op. cit., p.610.



Inesquecíveis tardes com Dona Lucilia

Um abalo físico sofrido por Dr. Plínio, no ano de 1967, deu azo a que Dona Lucilia fosse conhecida mais de perto por Mons. João, num convívio admirável que perfumou os últimos dias de vida dela.



João S. Clá Dias

✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

As incontáveis facetas morais da mãe ideal estavam em Dona Lucilia ao alcance da observação de todos, convidando-os a fazer parte daqueles “mil filhos” pelos quais seu coração transbordante de benevolência anelava.

Quem teve a felicidade de frequentar seu apartamento, convivendo com Dona Lucilia nos últimos meses de sua existência terrena, bem pôde avaliar o alto grau de consideração, gentileza e estima inerentes a seu nobre trato, mesmo em suas mais simples expressões. De índole respeitosa e afetiva, era ela mestra na difícil arte de se dirigir aos outros com afável dignidade, de modo a deixá-los sempre à vontade.

Por um muito apreciável dom de *causerie*,¹ que ela herdara e requintara, ao qual se acrescia um suave *savoir-faire*,² tornava-se muito agradável àqueles que a ouviam. Entretanto, por trás destas excelentes qualidades estava uma virtude mais alta: a disposição de ouvir, com incansável paciência, tudo o que os outros lhe quisessem expor, procurando sempre os lados bons dos fatos narrados e, mais especialmente, os de seus interlocutores. É raro encontrarmos, sobretudo nos dias de hoje, quem esteja disposto a se relacionar dessa forma com seus visitantes.

A felicidade do próximo era a dela

Por um sobrenatural senso de compaixão, causava-lhe profundo sofrimento ver alguém entristecido ou magoado, ainda que se tratasse de um desconhecido. E era admirável o esmero com que logo procurava aplicar o lenitivo da palavra justa, da fórmula adequada, do bom conselho para a difícil situação, do afago para a dor, da esmola para a necessidade. Para Dona Lucilia, a felicidade do próximo era a dela...

Sua alma se movia pelo desejo de causar contentamento a cada um, e daí seu grande pesar quando não podia fazê-lo. Era o afeto de um coração total e essencialmente católico. Sua alegria de alma consistia em querer bem aos outros por amor de Deus, e ser por eles querida. Porém, quando sua benquerença não era correspondida, jamais cedia ao menor sentimento de rancor, pois não visava qualquer benefício pessoal ou vantagem própria nesse relacionamento.

Destas belas características de trato, são testemunhas várias pessoas que estiveram com Dona Lucilia naquelas tardes de seus últimos cinco meses de vida. Foram elas objeto de uma afaabilidade que vinha invariavelmente acompanhada de simpatia benévola e obsequiosa.

Novos hábitos mudam a rotina da casa

Habituada de há muito a um isolamento diário e prolongado, em que nada vinha romper sua rotina, Dona Lucilia passou, de repente, a ouvir em sua casa sons, vozes, passos que não lhe eram familiares. Seu telefone, antes mais bem silencioso, começou a soar repetidas vezes ao longo do dia. Igualmente a campainha da porta de entrada daí em diante se fez ouvir com maior frequência...

As circunstâncias da longa convalescença de Dr. Plínio tornaram indispensável estabelecer um plantão que, com certa diplomacia, cuidasse dos eventuais problemas que fossem surgindo. Era um verdadeiro sistema de relações públicas, o que Dona Lucilia em sua avançada idade jamais poderia imaginar. Por isso, sentiu-se na obrigação de se interessar diretamente pelo que se passava.

Um inolvidável convite, a que se seguiram outros

Logo ao iniciar-se a convalescença de Dr. Plínio, o autor destas linhas, então jovem, teve a felicidade de ser escolhido para cuidar do plantão estabelecido em seu apartamento. Um dia, acabara ele de atender a uma chamada telefônica, quando ouviu, vindo da sala

de jantar, o som de uma sineta. Pouco depois chegavam-lhe os ecos de um pequeno diálogo entre Dona Lucília e a empregada:

— Pois não, a senhora me chamou?

— Quem telefonou?

— Não sei, Dona Lucília. Foi um senhor que atendeu.

— Quem é esse senhor?

— Não sei. Parece que ele veio visitar Dr. Plínio.

— Vá preparando um chá para esse senhor e para mim, pois vou convidá-lo a estar em minha companhia até Dr. Plínio despertar.

Tendo-se retirado a empregada, Dona Lucília continuou suas orações. Era compreensível que, sendo dona da casa e dotada de profundo senso de responsabilidade, se sentisse na obrigação de fazer sala aos que visitavam seu filho.

Algum tempo depois, voltou a soar a sineta e a empregada, ao assomar à porta, ouviu de Dona Lucília:

— Você quer dizer a esse senhor que faça o favor de entrar?

Logo que ele entrou, Dona Lucília o cumprimentou de maneira acolhedora, e assim introduziu a conversa:

— O senhor certamente está esperando o Plínio, não é? Eu queria dizer ao senhor o seguinte: ele tem uns amigos que o estimam muito e, às vezes, convidam-no para passarem juntos alguns dias numa fazenda, perto de Amparo. E o senhor sabe? Estando ali, o Plínio andava por um terreno irregular e muito pedregoso, quando torceu o pé. Ele foi logo socorrido pelos amigos, mas os médicos que depois o examinaram recomendaram-lhe muito descanso...³

Após essa explicação, Dona Lucília, com sua arte de colocar o visitante inteiramente à vontade, prosseguiu:

— Por esse motivo, o Plínio vai demorar ainda um pouco para atendê-lo, de maneira que o senhor vai ter de esperar mais do que imaginava... Mas o senhor, enquanto o aguarda, vai me dar o prazer de sua companhia. O senhor aceitaria tomar chá?

— Por favor, a senhora não se deve preocupar!

— Talvez o senhor não goste de chá e prefira café com leite, ou alguma outra coisa...

Não foi possível ao jovem recusar. Dona Lucília tocou então a sineta e ordenou à empregada que trouxesse chá e biscoitos.

Esta cena – evocativa da antiga *douceur de vivre*⁴ – doravante irá repetir-se todos os dias. Dona Lucília empregará, de cada vez, aquele seu invariável e delicado modo de acolher.

Saudosos meses

Ela conduzia a conversa com uma singela e encantadora gentileza. Do cimo de seus noventa e um anos, não procurava falar de si mesma, de suas dificuldades passadas ou presentes. Havia um certo momento em que ela fazia uma sugestiva pausa, muito nobre, muito distinta, dando oportunidade à pessoa que diante dela se encontrava de levantar algum tema, pois estava sempre disposta a conversar a respeito do que o outro quisesse. Era uma excelente ocasião para se apreciar o modo harmonioso com que ela abordava os assuntos. Fazia-o de maneira a

atender, acima de tudo, aos legítimos anseios do visitante.

Naquelas ditosas e inesquecíveis conversas com Dona Lucília, era frequente o visitante perguntar-lhe algo a respeito de seus filhos, pelo extremo gosto de ouvi-la discorrer sobre acontecimentos da vida familiar. Tema aliás que, se não lhe fosse proposto, ela jamais tomaria a iniciativa de sequer insinuar.

Saudosos meses aqueles, durante os quais foi possível conhecer um bom número de fatos da longa existência de Dona Lucília, narrados diretamente por ela. ❖

Extraído, com pequenas adaptações, de: *Dona Lucília*.

Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiæ, 2013, p.623-632

¹ Do francês: conversa amena.

² Do francês, literalmente: saber fazer. Expressão com que o espírito francês designa a habilidade para obter bom resultado naquilo que se faz.

³ Devido à sua avançada idade, a Dona Lucília foi ocultado o real estado de Dr. Plínio, acometido por grave crise de diabetes.

⁴ Do francês: doçura de viver.

Ela não falava de si mesma ou de suas dificuldades; estava sempre disposta a conversar sobre o que o outro quisesse

Na página ao lado, Dona Lucília em março de 1968; abaixo, mesa montada para o chá, na sala de jantar de seu apartamento





Belo Horizonte – A Assembleia Legislativa de Minas Gerais prestou uma homenagem “in memoriam” a Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, concedendo-lhe no dia 16 de setembro a medalha da Ordem do Mérito Legislativo. Trata-se da mais alta condecoração da casa parlamentar, outorgada a pessoas e instituições que se destacaram por iniciativas de relevância pública. Na ocasião, o fundador dos Arautos do Evangelho foi representado pelo Revmo. Pe. Alex Barbosa de Brito, EP.



Estado de São Paulo – No mês de setembro, os Arautos do Evangelho animaram a solene Eucaristia em honra da padroeira da Basílica de Nossa Senhora do Belém, em Itatiba, à qual se seguiu a coroação da imagem (foto 3); bem como a Missa e procissão da festa de Nossa Senhora de Copacabana, na paróquia a Ela dedicada em Pinhalzinho (fotos 1 e 2). Ambas as celebrações foram presididas por Dom Sérgio Aparecido Colombo, Bispo de Bragança Paulista.



Brasília – Por ocasião da festa da Exaltação da Santa Cruz, em 14 de setembro, se realizou na Paróquia Jesus Bom Pastor a bênção e imposição da fita do Apostolado da Oração. Estiveram presentes na cerimônia o vice-presidente Geraldo Alckmin e sua esposa, Maria Lúcia Alckmin.



Fotos: Ricardo Castelo Branco

Itália – No dia 30 de agosto mais uma abençoada cerimônia de consagração como escravo de amor a Nossa Senhora, segundo o método de São Luís Maria Grignion de Montfort, foi realizada em Roma, desta vez na Basílica de São Crisógono, no Trastevere. Além de fiéis da Cidade Eterna, a cerimônia congregou devotos da Santíssima Virgem provindos das cidades de Gênova, Verona, Veneza, Milão e Nápoles, bem como da Úmbria, Abruzzo e Sicília.



Fotos: Xavier Jacob

Stefano Pigliacelli

Paraguai – Membros dos Arautos no país animaram as celebrações em honra da padroeira da Catedral de Benjamín Aceval, Santa Rosa de Lima, em 29 de agosto (fotos 1 e 2). No dia 7 de setembro, por sua vez, eles participaram da procissão e Missa em louvor a Nossa Senhora na Paróquia da Natividade Maria, na localidade de Quyyquyhó, departamento de Paraguari (foto 3).



Fotos: Francisco Tobón

Estados Unidos – Quatrocentas e cinquenta pessoas participaram do retiro realizado pelos Arautos do Evangelho no dia 31 de agosto, nas dependências da Igreja do Bom Pastor, em Miami (fotos 1 e 2). No dia 6 de setembro, os fiéis da mesma paróquia se reuniram para a cerimônia do primeiro sábado do mês (foto 3).



O católico só pode ser herói!

A coragem dos católicos de hoje não pode mais ser a das eras passadas... Deve ser maior, deve ser completa, deve multiplicar-se por si mesma. Deve tornar-se heroísmo.



✠ Rúben Manuel Cunha Guimarães

Para ser católico é preciso ser herói. Mas, quantas vezes, para ser herói é preciso ser católico.

O primeiro princípio, todo católico o constata no choque das primeiras batalhas espirituais. Já para comprovar o segundo, remetamo-nos a alguns fatos ocorridos nos primeiros meses da Guerra Mundial de 1914-1918.¹

A igreja em ruínas...

O sabre do coronel, num golpe seco e rápido, rasga a bruma matutina, tinta ainda por um sol que nasce sobre um campo devastado, cemitério de homens e construções. O pelotão estaca a marcha à ordem muda que rebrilha na lâmina do oficial.

— Um padre de boa-vontade! — pede o comandante.

O Pe. Duroy sai do bloco:

— Presente!

À esquerda do conjunto, uma igreja restava em pé, mesmo após os intransigentes bombardeios do dia anterior. O regimento francês e o templo eram, naquele campo de batalha de 1914, os únicos que haviam sobrevivido à artilharia alemã.

De novo se levanta a voz do oficial em meio às ruínas:

— Quem quer assistir à Missa?

Todos os braços se levantam. As almas se mobilizam.

De repente, um estrondo! Alguns obuses caem a pouca distância. Seus estilhaços ceifam duas vidas e deixam nove feridos. É o toque para o Santo Sacrifício. O regimento invade a igreja.

A Missa começa, o harmônio ressoa e os cânticos se elevam. O templo treme. Não apenas pelas vozes dos mil e duzentos soldados já batizados, não apenas pelas águas regeneradoras, mas pelo fogo da véspera e pelos projéteis que despencam a cada vez menor distância. Mas a infantaria não estremece: ontem enfrentaram a morte, hoje estão defronte à Vida; e a Vida

sussurra-lhes à alma brados mais imperiosos que os grunhidos medonhos da morte que retorna.

A voz do pregador brada no santuário. O canhão prussiano, sem saber, a respeito e cessa suas salvas por um momento:

— Deus, que nos pede sofrer e morrer, nos dá com a prova, e mais forte do que ela, a alegria sobre-humana de termos sido escolhidos para ser heróis. Ide, pois, à morte pela França com uma prece nos lábios e com a fé no coração. Cair pela pátria não é morrer; é tomar de assalto a vida eterna!

Terminada a pregação, as notas do Credo ressoam poderosas pelas abóbadas. E o templo treme novamente: as bombas inimigas também cantam. A Missa continua com solenidade... A tropa comunga e eleva ao Céu, qual incenso misturado à pólvora, a sua ação de graças.

Por fim, o sacerdote-soldado traça o sinal da cruz no ar e pronuncia a bênção. Dentro das paredes sagradas, continuamente sacudidas, ouve-se agora o

“Deus, que nos pede sofrer e morrer, nos dá com a prova, e mais forte do que ela, a alegria sobre-humana de termos sido escolhidos para ser heróis”

Soldados assistem à Missa numa capela bombardeada em Dommartin (França)

tilintar das baionetas que coroam os fuzis. O exército se prepara no seu novo quartel-general.

...e o Santíssimo em perigo

Mas tudo para de repente. Uma tempestade de ferro se abate sobre as abóbadas que vacilam, desagregam-se, desmoronam. Todos correm para fora. Só o Pe. Duroy, ainda com a casaca sobre a farda, permanece no edifício sacro. Um lugar-tenente aponta-lhe o perigo que oscila sobre sua cabeça:

— Não! — exclama o padre apontando o sacrário — Meu dever é salvar o Santíssimo Sacramento.

Dizendo e fazendo, vai o sacerdote rumo ao tabernáculo. O fundo do santuário cai então com imenso fragor. Ele não desiste. Grandes pedras despenham à sua frente e se interpõem entre o Divino General e seu soldado. Mas ele avança. E seu exemplo arrasta:

— Espere, padre — gritam alguns guerreiros que voltam à igreja —, nós vamos ajudá-lo a salvar o Bom Deus!

Esses braços, tão habituados a cavar trincheiras, afastam as pedras e as vigas. O sacerdote abre o sacrário e toma o Criador em suas mãos; os militares ajoelham-se sob a cúpula cambaleante. Terminado o traslado, o lugar-tenente ordena a saída imediata.

— Desculpe-me, meu lugar-tenente — pede um soldado que porta algumas flores colocadas, à guisa de buquê guerreiro improvisado, dentro de um pedaço de obus —, só dois minutos, que vou levar isto à Virgem Santa. Será a lembrança do regimento.

O que podem homens ressuscitados pelo perdão

É o dia 6 de setembro de 1914. No front junto ao Marne faltam duas horas para o combate. Nesse ínterim, dá-se o pior dos entrechoques: a espera por uma batalha que se sabe inevitável, implacável e inclemente. Um sacerdote decide aproveitar bem o momento:

— Meus filhos — diz aos irmãos de armas —, isto vai esquentar, e três

quartos de nós não voltarão para a vitória da tarde. Uma bala ou uma explosão de obus, e depois o salto por cima do muro da existência...

O soldado Planteau toma, então, a palavra em nome dos outros:

— Desculpe-me, padre. Acho que é o caso de cada um falar individualmente duas palavrinhas com o senhor, porque o senhor compreende que...

Todos compreendem, na verdade. De imediato, a sós com o presbítero, cada qual põe a descoberto suas chagas morais. A mão sacerdotal levanta-se para as curar.

Estão prontos! Demonstrarão o que pode um homem ressuscitado pelo perdão.

Junto à Cruz

Passam-se as duas horas. Ressoa a ordem de ataque. Faz-se a confusão. Cruzam-se cavalos e uniformes, atacam-se baionetas, chove chumbo e morte. Planteau e seu amigo Brigeois, que também confessou há alguns minutos, fazem prodígios de bravura. Dargis, o comandante, os vê e brada uma ordem que só caberia a verdadeiros heróis:

— Vocês escalarão esse monte — determina o oficial, apontando uma elevação desprotegida — e de lá verão onde está a artilharia inimiga. Depois — e eis a parte mais difícil de cumprir — devem voltar para me informar.

Os soldados tentam calcular quantos quilogramas de metal fundido esvoaçam em torno do morro, mas desistem. Meu Deus, que dilúvio!...

Contudo, obedecem e lançam-se à subida! Quando os adversários veem dois combatentes correndo ao alto do monte, esquecem-se de tudo. A dupla temerária toma o protagonismo do palco. Descarregam-se fuzis e canhões. E Planteau tem ainda coragem para se deixar vencer pelo bom-humor:

— Meu velho — diz ofegante durante a corrida —, nós somos tão nada para que nos apontem uma bateria de 77 milímetros!

— Eles certamente nos tomam pelo General Joffre...

É assim que, com um sorriso, atinge o cume. Aprestam-se para inspecionar o campo, mas param reverentes. Ali no alto reina uma grande cruz. Eles se ajoelham diante do Redentor e rezam à luz das explosões e ao som dos obuses que os procuram:

— Meu Deus, Vós morrestes por nós. Pois bem, se isto Vos agrada, nós Vos podemos retribuir do mesmo modo. Só Vos pedimos que, se aqui cairmos, nos incorporeis ao quadro de honra de vosso regimento.

Terminada a prece, avistam a artilharia inimiga e propõem-se a descer de imediato. Nesse momento, porém, um projétil tomba diante deles e ambos são lançados ao chão.

— Está morto? — pergunta Planteau.

— Acho que não. E você?

Deus toma de assalto a trincheira

Nas trincheiras as horas são dias, os dias passam como anos, as semanas equivalem a uma vida e muitas mortes. E assim se escoam meses após meses... “A chuva de há dois dias transformou o fosso em lodaçal. A batalha de ontem tornou-o um cemitério. A garoa de hoje converte-o em vale de lágrimas. O céu chora sobre nós: somos já defuntos aspergidos de água benta. Sim, um novo combate se aproxima...” Eis os plúmbeos pensamentos que assaltam os defensores da trincheira, cobertos como estão das nuvens pardacentas de um dia sem sol, de uma manhã que não amanhece.

“Nesses soldados se esvai o ânimo, a coragem e a esperança de vencer. Traduzindo à linguagem da guerra: morre a vitória, adoece, antes mesmo do embate...” Eis as tenebrosas certezas que se guerream na consciência do capitão, assustado pelo domo escuro que começa.

Os tiros assobiam contínuos sobre a escavação: a curiosidade de levantar a cabeça pode custar a vida. Mas de repente uma surpresa, qual bomba

insuspeitada, tomba sobre a vala. As nuvens continuam inexpugnáveis contra toda e qualquer luz celeste, o fogo não deixa de vigiar o refúgio com suas detonações. E, no entanto, o Sol raia na trincheira:

— Bom dia, meus filhos! Eu vos trago o Bom Deus.

Isto dizendo, o sacerdote, com a batina ondulando ao sopro das balas e armado do Santíssimo Sacramento, toma de assalto o abrigo francês. A resistência é quase nula. Já os homens estão rendidos, de joelhos, diante do Senhor dos Exércitos.

— Meus amigos, trago-vos a Comunhão, porque alguns de vós a pediram. É o Mestre que vos vem visitar, o Capitão invencível!

Oficiais, suboficiais e soldados alimentam-se do manjar dos Anjos. Um que outro talvez agradeça fazendo suas as palavras de Zacarias: “Graças à ternura e misericórdia de nosso Deus, que nos visita como Sol nascente, para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte e dirigir os nossos passos no caminho da paz” (cf. Lc 1, 78-79).

Na trincheira, os rostos lívidos pela dúvida e os olhares apagados pela desesperança tomam os coloridos do Sol que surgiu. O sorriso conquista o terreno como que com lança-chamas. A alegria inunda a vala. O entusiasmo começa a transbordar naquele que era um vale de lágrimas!

— Agora – exclama um militar – eles podem vir!

— Quando os reencontraremos? – responde, ansioso, um segundo.

— Eles estão aí! – ruge, por fim, a sentinela ao perceber uma movimentação ofensiva na posição inimiga.

Os três brados ecoam já na boca dos oficiais e das metralhadoras. Do refúgio parte uma contraofensiva furiosa e calma e, por isso mesmo, irresistível.

Todos saem. O sacerdote fica a sós com Deus. Deposita-O sobre um altar improvisado e adora-O ao som do concerto de urros e estampidos. Os brados de guerra competem em fragor com as rajadas. Estas começam a silenciar-se. O protagonismo sonoro cabe então aos gemidos e às exclamações. Passaram-se trinta minutos nesta borrasca. Aos pés do Senhor, o ministro sagrado ouvia e clamava.

Agora, porém, as vozes de vitória dominam os ares. Os militares voltam triunfantes à trincheira. Trazem consigo os companheiros feridos. São estes os mais honrados: trazem as vestes tingidas de púrpura, e as medalhas de ferro, introduzidas pelos disparos inimigos, glorificam-lhes o corpo. Levam-nos para junto do Santíssimo Sacramento.

Morrem, sim. Mas diante do Divino Sol encerrado no cibório, os olhos entreabertos desta mocidade rejuvenescida pelo Catolicismo contemplam a aurora magnífica de uma vitória que conquistaram e o abrir-se de um Céu que os conquistou.

Alguns anos depois

Quantas vezes, para ser herói, é preciso ser católico!

Todo soldado constata a realidade desse princípio ao primeiro troar dos

canhões: “Na guerra”, explicaria um combatente que presenciou fatos como os acima narrados, “passamos melhor sem pão que sem oração e, quando assistimos à Missa, corremos para a luta com um entusiasmo irresistível”.²

Mas, para ser católico, é preciso ser herói!

E agora mais do nunca. Pois o que é o heroísmo senão a coragem multiplicada pela coragem? O que é a coragem senão avançar apesar do perigo? E o que é a guerra senão o multiplicar do perigo pelo perigo?

Pois bem, estamos em guerra! Ao longo dos séculos a Igreja cresce em graça e santidade e, portanto, cresce em inimizade com o demônio, o mundo e a carne. A guerra torna-se sempre mais completa, e a coragem dos católicos de hoje já não pode ser a das eras passadas. Deve ser completa, deve multiplicar-se por si mesma, deve tornar-se heroísmo.

A coragem de crer na indestrutibilidade da Igreja não nos basta. É necessário o heroísmo de continuar sob suas abóbadas, ainda quando estas pareçam vacilar.

A coragem de enfrentar os mil perigos da vida não nos basta. É necessário o heroísmo de, diante da cruz que domina nosso calvário, prosseguir em frente até o holocausto.

A coragem de esperar o despontar do sol apesar das nuvens não nos basta. É necessário procurar, conquistar e fazer raiar a aurora invencível do Reino de Maria sobre um mundo que ras-teja na lama, na depressão e nas trevas.

“Em nossos dias”, profeticamente escrevia, ainda em menino, Plínio Corrêa de Oliveira no seu caderno escolar, “não basta mais a coragem dos tempos de paz. Resta-nos escolher entre ser um herói ou um covarde”. ✠

**“Em nossos dias”, escrevia o pequeno Plínio em seu caderno escolar,
“não basta mais a coragem dos tempos de paz.
Resta-nos escolher entre ser um herói ou um covarde”**

Infanteria francesa disparando de uma trincheira

¹ As informações históricas contidas neste artigo são tomadas de relatos da época, inseridos em: GAËLL, René. *Les soutanes sous la mitraille. Scènes de la guerre*. Paris: Henri Gautier, 1915.

² Idem, p.101.

...que existem diversas Igrejas Orientais católicas?

Unir Ocidente e Oriente constituiu sempre um desafio, e nem mesmo o impertérrito Alexandre Magno logrou tão glorioso intento. Com ele a História aprendeu que conquistar ter-

ritórios não significa estreitar povos... Essa imensa façanha, entretanto, foi realizada pela Igreja Católica ao reunir sob a mesma abóbada os dois extremos do orbe.

Com efeito, além da grande Igreja Latina, pertencem à única e verdadeira Igreja de Cristo as vinte e três Igrejas Orientais católicas, as quais estão sediadas principalmente no Oriente Próximo e na Índia.

Elas possuem privilégios, outorgados pelos Sumos Pontífices, que custodiam suas tradições pluriseculares. Regem-se por uma jurisdição própria – *sui iuris* –

e um código de leis comum a todas, o *Código dos Cânones das Igrejas Orientais*. Seus ritos, por exemplo na celebração da Eucaristia, diferem dos da Igreja Latina. Também as vestes litúrgicas e as insígnias episcopais são distintas: em certos casos os Bispos, em vez de usarem mitra, portam uma bela coroa! Toda essa diversidade se abriga sob a égide do doce Cristo na terra, como expressão de riqueza, continuidade e comunhão.

As Igrejas Orientais católicas distinguem-se daquelas que a partir de 1054, por ocasião do grande cisma de Constantinopla, separaram-se de Roma e passaram a fazer parte da autodenominada Igreja Ortodoxa. A filial submissão das primeiras ao Romano Pontífice manifesta, desse modo, que a verdadeira unidade “só pode ser a unidade na fé” (LEÃO XIV. *Discurso*, 19/5/2025). ✦



Santa Missa celebrada no rito bizantino católico na Catedral de Santo Estêvão, Viena, em 9/11/2013

...que Santo Antônio de Pádua foi tenente-coronel do Brasil?

Santo Antônio de Pádua – ou de Lisboa – nasceu em Portugal, de nobre ascendência, no ano de 1195. Fez-se franciscano, morreu em 1231 e foi canonizado no ano seguinte, mais de duzentos e cinquenta anos antes da descoberta do Brasil. Como, então, o Santo medieval pode ter relação com o Exército Brasileiro?

No século XVII o Rei Afonso VI, ante a iminência da batalha de Montes Claros, em Portugal, alistou simbolicamente Santo Antônio no Exército Português. Bateram-se nesse campo 22.600 espanhóis contra 20.500 portugueses. O novo soldado logo demonstrou a superioridade da intervenção

celeste, reconquistando a independência para a coroa lusa.

Desde então recrutado como praça do 2º Regimento de Infantaria de Lagos por ordem de Afonso VI, o fiel filho de São Francisco passou a fazer parte da milícia brasileira em 1685, por ocasião da Guerra dos Palmares. Já em 1711, pela carta régia de 21 de março, o rei de Portugal nomeou-o capitão do Brasil, por sua ajuda na peleja contra o corsário francês Duclerc.

Mais tarde, em 1814, Dom João VI conferiu ao Santo a patente de tenente-coronel, com a devida remuneração de oitenta mil réis, repassada ao convento franciscano do Rio de Janeiro. Infeliz-

mente, o ex-presidente Hermes da Fonseca mandou suspender esse salário...

Seja como for, apesar de ter perdido a remuneração terrena, Santo Antônio – que acima de tudo era franciscano e filho, portanto, da pobreza... – reteve o mais importante: o encargo de proteger tão imensa nação e o carinho do povo brasileiro! ✦

Santo Antônio de Pádua - Museu Cívico, Vicenza (Itália)

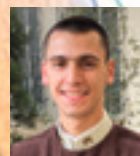


Francisco Lencinas

Todos... menos um!

O monumento representado nestas páginas ganha em sabor se analisado sob a óptica de seus construtores. Convidamos, então, o leitor a uma viagem à Roma do ano 93 d.C.

✠ Ângelo Francisco Neto Martins



Por Júpiter, que Vipsânio Agripa teve uma boa ideia ao construir este templo! O Panteão: que majestade, que convicção, que força! E – cá entre nós – que golpe de mestre... Agripa bem merece ter o nome engastado em seu pórtico.

“Dignus Roma locus, quo Deus omnis eat – Roma é um lugar digno para que todos os deuses nela se reúnam”,¹ cantava o poeta Ovídio. Sim, e neste Panteão romano foi que se assinou, por fim, a trégua dos olímpicos.

Apesar da idade – estamos já há mais de um século de sua ereção – esta joia ainda refulge com jovialidade. O sol não requieimou os mármore multicolors, as portas de bronze resistem à cobiça do tempo, as dezesseis colunas monolíticas suportam, elegantes e poderosas como os braços de nossos atletas, a cúpula coberta de lâminas de prata.

E o interior abriga uma maravilha ainda maior. Entremos! Entremos, que a isso têm direito todos os cidadãos romanos. O chão é maravilhoso

com suas pedras polidas a refletir o sol, que entra escachoante por uma abertura com nove metros de diâmetro. A cúpula... Eis aí, propriamente, um céu de pedra. Com 43,5 metros de altura e 43,5 metros de diâmetro, o teto forma uma semiesfera perfeita, em lembrança da abóbada celeste.

Mas tiremos os olhos do céu, para voltá-los aos deuses. Eles, como nós, encontram-se na terra. Cada um dos numerosos nichos acolhe uma divindade. Ali está Minerva Criselefantina, mãe do felizmente reinante Imperador Domiciano. Ao seu lado, Júpiter Vingador ameaça desfazer as nuvens em raios e os mortais em pedaços. Vênus, um pouco distante, exhibe joias assaz terrenas, pois pertenceram a Cleópatra. Baco, no seu canto, ri embriagado.

Eles ostentaram nomes diversos outrora – como Atena e Zeus –, mas estão presentes também os que omitiram a mudança de cartório e que compõem, mesmo assim, este comitê intercontinental: a Cibele frígia; a fenícia Astarte; o deus Átis; Baal, o infanticida siro-fenício; uma comissão egípcia





Rabax63 (CC by-sa 4.0)

**Fachada do Panteão, Roma; ao fundo, vista do interior do prédio.
Na página anterior, esculturas de Júpiter, Atena e Baco**

presidida por Osíris-Serápis, acompanhado da esposa, Ísis; Mitra, o patrono persa da luz; Adônis de Biblos; Tamuz; Malakbel de Palmira; Dushara, o árabe... e outros tantos numes importados.

Como se vê, os asiáticos estão de moda; foi isso, aliás, o que motivou o resmungo conservador e satírico de Juvenal há alguns dias: “*Iam pridem Syrus in Tiberim defluxit Orontes* – O rio sírio Orontes veio desaguar no Tibre”.² Nesse dia fez-se, no Senado, uma discussão digna de ser presidida por Marte. Mas a diplomacia venceu. Quer dizer, a fê...

Aqui no Panteão, entretanto, reina a paz, graças ao engenheiro que o desenhcou. Este círculo perfeito foi montado para evitar qualquer disputa entre os deuses: nenhum deles está num posto mais elevado. Ademais, não há um centro. O lugar para o qual eles se voltam está reservado unicamente para os homens. O que podemos fazer? É o único modo de reuni-los todos.

Todos... menos um. Um que não Se resignaria a essa condição de igualdade. É o Deus dos cristãos! E quando, outro dia, discutimos sobre a imigração mas-

siva dos deuses asiáticos, a este Jesus Cristo foi barrada a entrada. Constanos, de fato, pelo menos dois crimes por Ele perpetrados contra a sociedade dos homens e dos deuses: exclusivismo e radicalidade.

Exclusivismo: é proclamado como a única divindade por seus sequazes. Se ao menos se contentasse em ser o primeiro entre os primeiros, como Júpiter, ainda O toleraríamos. Mas não! Não é um entre outros; é o único, repetem os cristãos.

Radicalidade: ensina a mansidão, a castidade, o desaparego dos bens terrenos, a fê numa vida eterna, a crença numa ressurreição final; pior do que tudo, essa doutrina se traduz em obras. Se Ele não pregasse a continência, os hedonistas O adorariam; se sua lei não tivesse uma expressão prática, os filósofos O elogiarão; se não mencionasse uma ressurreição, os estoicos n’Ele acreditarão.

A conclusão foi mais do que simples: Domiciano, nosso augusto César, decretou a perseguição e a morte dos cristãos. A menos, claro, que abjurem esse credo em favor de uma posição mais moderada. Moderação... é fundamental. Não

tem direito de cidadania a religião que se creia a verdadeira. Não cabe no Panteão um Deus único e infinito, sobretudo quando traz consigo uma moral.

* * *

Eis os pensamentos que povoavam a cabeça de um patricio romano quando da segunda perseguição lançada contra a Igreja Católica, em 93 d.C., ano em que, mais uma vez, os pagãos constataram que essa religião não podia se misturar às demais. Em que tudo isso resultou? Séculos de sincretismo, mais diplomático que sincero, ruíram sob o sangue dos discípulos de Jesus Cristo, e a prisão das antigas e falsas divindades, que foi o Panteão, cedeu suas colunas à Igreja de Santa Maria dos Mártires. O Deus único venceu.

Mas este romano, que existiu sob o nome de Tácito, existe ainda hoje no fundo talvez inconsciente dos que desejam a volta do Panteão e, por isso mesmo, a ruína da Igreja. ✚

¹ OVÍDIO. *Fastorum*. L.IV, v.270.

² JUVENAL. *Satira*. L.III, v.62.

A Virgem e o Menino, por
Simone di Filippo Benvenuti -
Galeria Estense, Módena (Itália)



Confiança, alegria e ânimo

O amor materno de Maria tem força regeneradora para elevar e santificar uma alma; Ela é a Medianeira das graças necessárias para a justificação daqueles a quem ama. Confiemos a todo instante em Nossa Senhora, lembrando-nos sempre de sua extrema meiguice para conosco, de sua compaixão para com as misérias de cada um de nós.

Sem nos compenetrarmos da misericórdia de Maria Santíssima, nada de bom faremos. Cultivando-a, nossa alma se cumula de confiança, de alegria e de ânimo. Tendo a Mãe da Divina Providência como nossa própria Mãe, nada nos deve abater. Ela tudo resolverá se, confiantes, implorarmos seu maternal socorro.

Plínio Corrêa de Oliveira